



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

MÉRCIA FERREIRA DE LIMA

**Desacordes de gênero em um movimento artístico-cultural:
os lugares das mulheres no hip hop de Campina Grande-PB.**

Campina Grande- PB

Maio - 2016

MÉRCIA FERREIRA DE LIMA

Desacordes de gênero em um movimento artístico-cultural: os lugares das mulheres no hip hop de Campina Grande-PB.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande como requisito necessários para a obtenção do título de mestre em Ciências Sociais, sob orientação do Prof. Dr. Vanderlan Silva.

Campina Grande-PB

Maio- 2016

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

L273d	Lima, Mércia Ferreira de.
	Desacordes de gênero em um movimento artístico-cultural: os lugares das mulheres no hip hop de Campina Grande-PB / Mércia Ferreira de Lima. – Campina Grande, 2016. 92 f. : il. color.
	Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2016.
	"Orientação: Prof. Dr. Vanderlan Francisco da Silva".
	Referências.
	1. Sociologia da Cultura. 2. Antropologia Cultural. 3. Movimento Hip Hop – Mulher. I. Silva, Vanderlan Francisco. II. Título.
	CDU 316.7(043)

MÉRCIA FERREIRA DE LIMA

Desacordes de gênero em um movimento artístico-cultural: os lugares das mulheres no hip hop de Campina Grande-PB.

Dissertação apresentada em: 09 de Maio de 2016

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Vanderlan Francisco da Silva (Orientador PPGCS/UFCG)

Prof^a. Dr^a. Elizabeth Cristina (Examinador Interno - PPGCS/UFCG)

Prof. Dr. Marco Aurélio Paz Tella (Examinador Externo – PPGA/UFPB)

Prof. Dr. Ronaldo Laurentino de Sales Junior (Suplente Interno - PPGCS/UFCG)

Prof^a. Dr^a. Hilderline Câmara de Oliveira Suplente (Externa - PPGA/UNP)

Campina Grande- PB

Maio-2016

A todas as mulheres que
contribuíram direta ou
indiretamente para a conclusão
deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Talvez seja uma das tarefas mais difíceis, mas também a mais prazerosa na escrita da dissertação. É o momento de lembrar das pessoas que deram contribuições para esse ritual de passagem. Tentarei não ser injusta com as pessoas que estiveram comigo nesse momento tão importante.

Começarei agradecendo as minhas crenças que prefiro não denominar o que seja, mas que sempre me serviu de ajuda e de paz interior nos momentos que me senti desmotivada durante esse o período do mestrado.

Agradeço a minha querida mãe **Ivanilda Lima** que sempre me mostrou o melhor caminho a seguir e me encorajando quando mais preciso. Agradeço por tudo que és em minha vida. Agradeço também por me acolher com suas deliciosas comidas quando ia nos finais de semana para sua casa nesse período do mestrado. Obrigada por existir e fazer parte da minha vida.

Ao meu pai **Geraldo Lima** que mesmo em seu silêncio, sei que sente profundamente orgulho do que me tornei.

A minha amada irmã **Márcia Lima** por tudo que compartilhamos diariamente, desde nossas trocas de ideia da antropologia até os prazeres que a vida nos proporciona. Obrigada por tudo!

Ao professor **Vanderlan Silva** pelas orientações, pelas aulas de francês e, principalmente, pelas palavras de apoio que sempre tem nos momentos que mais preciso e também por compartilhar algumas risadas durante esse tempo do mestrado. Professor, você é, sem dúvidas, um dos professores mais “massa” que já tive.

Ao professor **Marco Aurélio Paz Tella** por ter me mostrado na graduação em antropologia um tema tão rico como hip hop e pelas suas contribuições em minha vida acadêmica.

A **Edilma Nascimento**, amiga que mais me incentivou a fazer o mestrado em Ciências Sociais na UFCG. Agradeço desde o incentivo na hora da inscrição da prova do mestrado até as ligações e mensagens de apoio que recebo sempre.

A querida **Mariana Cavalcanti**, amiga de apartamento, do mestrado, de filmes, músicas, enfim da vida. Aprendi muito durante esses dois anos com sua delicadeza e ótimos conselhos de uma pessoa tão jovem e tão bela. Pessoa que conheci no mestrado e segue na vida.

Ao meu querido grupo de estudos **SOCIATOS**, em especial, **Demétrio, Tiago, Alessandra, Deyse** e **Magnólia**. Sem dúvidas, foi minha maior motivação para permanecer na bela Campina Grande durante os anos do mestrado.

Aos **hip hoppers** de Campina Grande que contribuíram para a construção deste trabalho, pois foram os principais protagonistas da pesquisa.

A todos os professores do PPGCS da UFCG que também contribuíram não só através das aulas, mas também com as conversas paralelas nos corredores da UFCG. A todos, muito obrigada!

As amigadas que construí durante esses dois anos não só na UFCG, mas também em Campina Grande e que levarei para a vida.

RESUMO

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa em antropologia urbana e traz um debate sobre a participação da mulher dentro do hip hop de Campina Grande-PB. O objetivo do trabalho é entender como a mulher aparece no movimento hip hop da cidade, partindo de um recorte de gênero. Tendo a etnografia como principal método da pesquisa, foi feita uma análise de como as mulheres estão inseridas e como é sua aceitação por parte dos homens do movimento da cidade. A análise cronológica desde o surgimento do hip hop a nível global até sua chegada à cidade de Campina Grande foi de grande relevância para compreender a dinâmica do hip hop e de como a mulher está inserida. Dentro das possibilidades da pesquisa, buscou-se fazer o mapeamento dos lugares que as jovens mulheres do movimento hip hop frequentam, bem como a articulação que elas estabelecem. Por ser um movimento que teve suas origens na rua, não se deve descartar que a rua era e, de certa forma, ainda continua sendo um espaço para o protagonismo masculino. Sendo um movimento constituído por 4 elementos, a mulher aparece em apenas dois desses elementos, o break e o grafite. Essa participação deve ser vista dentro das relações que envolvem outras categorias sociais, tais como classe, raça, grau de escolaridade. Paradoxalmente, não deixa de ser revelador, que um movimento que denuncia e luta contra vários tipos de exclusão social, acaba por produzir, ele mesmo, formas de exclusão social, que atinge o gênero feminino de maneira marcante.

Palavras-chaves: Mulher; hip-hop; urbano.

ABSTRACT

This work is the result of research in Urban Anthropology and brings a debate on the participation of women in hip hop Campina Grande-PB. The objective of this work is to understand how the woman appears in the hip hop movement in the city, starting from a gender perspective. Having ethnography as the main method of research was done an analysis of how women are inserted and how their acceptance by men of the city movement. The chronological analysis from the emergence of hip hop globally until his arrival in the city of Campina Grande was of great importance to understand the dynamics of hip hop and how the woman is inserted. Within the scope of the research, we sought to do the mapping of the places that the young women of the hip hop movement attend, and the link they establish. To be a movement that had its origins in the street, one should not rule out that the street was and, in a way, remains a space for the male role. Being a movement composed of four elements, the woman appears in only two of these elements, the break and graffiti. This participation should be seen within relationships involving other social categories such as class, race, level of education. Paradoxically, it is still revealing a motion denouncing and combating various types of social exclusion, it produces himself, forms of social exclusion, which affects the women markedly.

Key-words: woman; hip hop; urban.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa de Campina Grande e cidades circunvizinhas.....	41
Figura 2: Capa do Cd do Projeto Ação Hip Hop Campina.....	47
Figura 3: Post do Facebook em modo público de uma rapper paraibana.....	52
Figura 4: Arte da divulgação do 3º Ocupa Açude.....	80

LISTA DE FOTOS

Fotografia 1: Roda de conversa com o grupo Let's Go.....	17
Fotografia 2: Pista de skate do Parque da Criança.....	18
Fotografia 3: Mesa de abertura do Encontro Paraibano de Hip Hop.....	22
Fotografia 4: Centro de Campina Grande.....	41
Fotografia 5: Grafite no Centro de Humanidades CH da UFGG.....	48
Fotografia 6: Roda de break improvisada durante o 3º Ocupa Açude.....	56
Fotografia 7: Show de lançamento do clip de um rapper no bairro do Pedregal..	62
Fotografia 8: Show de rap e funk na rua São Vicente no bairro do Pedreg.....	64
Fotografia 9: Pista de skate ao lado ao lado do “coreto” do Parque da Criança..	66
Fotografia 10: Apresentação de um integrante do grupo Let's Go no Parque da Criança.....	68
Fotografia 11: Apresentação do Let's Go no Teatro Municipal Severino Cabra..	69
Fotografia 12: Grupo Trial GD em apresentação durante o 3º Ocupa Açude.....	73
Fotografia 13: Grafite sendo executado por grafiteira.....	78
Fotografia 14: Grafite de Erva Doce sendo executado durante o 3º Ocupa Açude.....	80
Fotografia 15: Grafite de Jed na Rua Ireneu Joffily	81
Fotografia 16: Grafiteiro Jed fazendo grafite durante 3º Ocupa Açude.....	82

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
Metodologia.....	14
A teoria.....	17
Uma antropóloga em campo	17
1.CAPÍTULO I. A chegada do movimento hip hop em Campina Grande - PB	20
1.1. O envolvimento com a pesquisa de campo.....	20
1.2. Ser mulher no campo de pesquisa.....	32
1.3. A chegada do hip hop em Campina Grande	35
1.4. Disputa entre ritmos.....	46
2.CAPÍTULO II. Participação da mulher no hip hop de Campina Grande - PB	51
2.1. Construção da identidade feminina dentro do hip hop	51
2.2. <i>Circuitos</i> do hip hop em Campina Grande.....	66
3.CAPÍTULO III – Representação da mulher dentro do grafite e da pichação	72
3.1. Entrada e percursos em um movimento artístico-juvenil	72
3.2. Representação da mulher no grafite e da pichação	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS	
REFERÊNCIAS	88
ANEXO	91

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa faz uma análise de como as mulheres estão inseridas no hip hop da cidade de Campina Grande e como é sua aceitação por parte dos homens da cidade. Para isso foi necessário fazer uma análise de como surgiu o hip hop e de como chegou a Campina Grande, quais foram os primeiros grupos que ganharam destaque e os atuais grupos que compõem a cena do movimento. Levando em consideração como os jovens que fazem parte do movimento hip hop se organizam, tendo em vista sua classe social, gênero e raça. Essas três categorias são de grande relevância para que possamos entender a cena local e de como as mulheres do hip hop se articulam no movimento da cidade.

As cidades pequenas e de médio porte vem cada vez mais sendo alvo para etnografias não só na antropologia, como também em outras disciplinas que se dispõem a utilizar a etnografia em suas pesquisas.

Não se pode negar também que é um desafio para os novos antropólogos desenvolver pesquisas em um ambiente em que ele está constantemente frequentando e que suas relações de amizade acabam se confundindo com as relações que ele estabelece com os chamados informantes de campo. Pensando por essa perspectiva, acredito que a atual pesquisa segue esses parâmetros, pois muitas vezes como antropóloga, não sabia qual era o momento em que estava pesquisando ou apenas tendo uma relação do que se poderia ser uma futura amizade entre duas pessoas. Muitas das minhas conversas com os interlocutores foram em eventos que saía para me divertir, ganhando características informais, mas que serviram muito para uma reflexão antropológica em um pós-campo.

O tema escolhido para a pesquisa é, sem dúvida, um tema que nos proporciona um leque de problemáticas, tendo assim diversas perspectivas. Um exemplo seria a associação do hip hop como algo moderno, com características juvenis. Os valores imputados pela publicidade ligados à juventude acabam sendo sinônimos de moderno, ou seja, grande interesse pela novidade, espontaneidade, exclusividade, irreverência, entre outros (GROPO, 2000). Ele pode se tornar mercadoria banalizada ou uma identidade de grupo. De acordo com alguns relatos feitos por integrantes do hip hop, ele foi tomando novas dimensões, ganhando espaço no mundo da publicidade, porém isso é muitas vezes visto de maneira negativa, pois no início o que destacava o

movimento hip hop era ser diferente do que as instituições proporcionavam para os jovens. Cabe mostrar na pesquisa como as mulheres são vistas dentro do hip hop.

Tem sido cada vez mais um desafio para antropólogos(as) que pesquisam a urbanização e assuntos relacionados às culturas juvenis, pesquisar sobre os fenômenos das sociedades atuais. Dentro do âmbito urbano existe uma variedade de temas que estão cada vez mais sendo alvo das pesquisas antropológicas. O hip hop, por exemplo, tem sido cada vez mais objeto de estudo para pesquisadores que trabalham com temas de grande relevância como urbanização e juventude. Esse tema vem sendo destacado não só dentro academia, como também por parte da mídia que se apropria dos símbolos da cultura hip hop, muitas vezes falando até de maneira estigmatizada, no entanto o verdadeiro interesse da mídia é atrair o público juvenil. Isso faz com que muitos dos integrantes do hip hop, repudiem essa prática e conseqüentemente não tendo um espaço nesse tipo de mídia para a divulgação do seu trabalho. Sabendo que existe esse grande interesse pelo hip hop por distintas partes, a presente pesquisa tem o intuito de identificar e compreender como se dá a participação feminina dentro do movimento em Campina Grande, não descartando a importância das outras abordagens que foram feitas sobre o hip hop.

Partindo de um recorte de gênero, a pesquisa mostra como os jovens de Campina Grande se identificam no hip hop, tanto como forma de lazer e sociabilidade como instrumento de contestação e de resistência de classe e raça. Alguns estudos vão apontar a juventude inserida no meio urbano de forma generalizada, não fazendo distinção de classe, raça e gênero. Porém a ideia de juventude trabalhada aqui é de que é uma construção social e cultural que envolve as esferas de classe, raça e gênero

Além de uma breve abordagem sobre juventude, gênero e raça, também é mostrado uma análise cronológica desde o surgimento do hip hop a nível global até sua chegada à cidade de Campina Grande, sendo assim de grande relevância pra que possamos compreender a dinâmica do hip hop na cidade.

O trabalho está organizado em três capítulos e considerações acerca do trabalho que perpassam o surgimento do hip hop em Campina Grande até o envolvimento de mulheres nessa cultura juvenil.

A ideia do primeiro capítulo é mostrar quais são as mulheres que estão dentro do hip hop, bem como se dá sua aceitação social dentro da cidade, dentro de uma breve perspectiva de juventude e raça. Para tal abordagem, é necessário entender como se deu a chegada do hip hop em Campina Grande.

No segundo capítulo faço uma abordagem da participação feminina dentro do hip hop local e quais são os circuitos dessas mulheres dentro da cidade em relação ao hip hop. A proposta desse capítulo é entender essa mulher a partir de uma análise de gênero.

No terceiro capítulo, faço uma análise da mulher dentro do grafite e da pichação, como ela é representada e quais são os atores sociais que se apropriam desse elemento do hip hop para tal representação feminina.

Metodologia

As metodologias utilizadas no trabalho é a etnografia, entrevistas semiestruturadas, análise de letras de raps e de grafites e pichações existentes nas ruas de Campina Grande. A etnografia foi o principal método escolhido, pois acredito que foi a melhor forma para as interpretações sobre o objeto de estudo. Através dela pude perceber as dinâmicas que são construídas nas redes de relações entre os membros do hip hop de Campina Grande e outros participantes de cidades circunvizinhas, pois existe uma rede de comunicação entre esses membros que lhe proporcionam uma troca de ideias sobre o hip hop dentro do estado.

É fundamental que o etnógrafo se disponha quase que totalmente para a compreensão das dinâmicas sociais que seu tema de pesquisa requer. O etnógrafo tem uma dupla tarefa. A primeira seria descobrir as estruturas culturais que informam os atos dos sujeitos e a segunda seria construir um sistema de análise para a compreensão dos fenômenos humanos. (MALINOWSKI, 1984). Nesse sentido, não conhecendo as configurações do sistema social dos jovens de Campina Grande, passei a frequentar lugares em que subentendia que poderia encontrar adeptos do hip hop, fazendo assim um mapeamento de onde esses hip hoppers possivelmente estarariam. Mesmo em muitos lugares não tendo êxito de imediato, mas ao longo da pesquisa serviu para fazer interpretações da estrutura local em relação ao objeto de estudo. Isso pode ser concluído no momento da escrita, elaboração final do trabalho. “A escrita etnográfica cria um segundo campo” (STRATHERN, 2013, p. 346) E nesse segundo campo que temos a oportunidade de repensar nosso objeto de estudo através da análise dos dados de campo que muitas vezes não fazem sentido.

Segundo Malinowski,

No campo, deparamo-nos com um caos de fatos, alguns tão pequenos que parecem insignificantes. (...) O trabalho de campo consiste, única e exclusivamente, na interpretação da caótica realidade social subordinando-se a regras gerais. (MALINOWSKI, 1988, p. 144).

Nesse sentido, cabe ao antropólogo fazer as interpretações devidas para um maior entendimento dos dados que o campo lhe fornece. O que não é uma tarefa tão fácil, pois essas informações podem ter duplos significados ou até mais. Um exemplo que pode ser dado aqui é sobre alguns termos que são usados dentro do hip hop, o de cultura e de movimento.

Acredito que a escolha da etnografia me ajudou na análise dos resultados da pesquisa. Por mais que seja um trabalho em muitas vezes solitário nas idas a campo em que o pesquisador é apenas um observador dos fatos que estão acontecendo. Não se pode negar que o pesquisador tem que ter humildade dentro de campo e não achar que é o grande detentor do conhecimento, pois ele também é objeto de investigação dos seus pesquisados, ele está sendo a todo o momento testado. Em alguns momentos do campo me sentia muito mais observada do que observadora.

Segundo Agier,

(...) não há antropologia sem etnografia, pois a descoberta do outro que funda o saber dos antropólogos só pode ser uma aventura pessoal, marcante e sempre renovada. Ela não pode ser delegada aos aplicadores de questionários “para verificação”. Representa a experiência social sobre a qual o etnólogo se apoia para construir um saber original. Prático, esse saber pode se dizer um saber-viver. (AGIER, 2015, p. 11).

A afirmação de Agier confirma a experiência etnográfica que cada antropólogo tem com sua pesquisa, pois é inevitável que não haja um envolvimento entre o pesquisador e o pesquisado. A neutralidade nem cabe aqui ser falada, pois não há um espaço para ela.

Ser ou não ser afetado no campo de pesquisa não é uma escolha. Em um dos eventos de hip hopper que aconteceu no Teatro Municipal da cidade, foi um dos momentos mais emocionantes para mim durante a pesquisa. Fui tomada por uma emoção que me perguntava de onde ela tinha surgido.

Dias anterior à apresentação de um grupo de dança, uma das meninas do grupo entrou em contato comigo perguntando se eu queria comprar o ingresso a ela para o evento, pois ela viu que eu tinha confirmado presença através do Facebook. Como combinado ela veio ao prédio que moro e trouxe o ingresso e falou que ficaria muito

feliz em me ver por lá. O sentimento foi recíproco, pois também me senti muito bem aceita pelo grupo. Como combinado, fui no dia da apresentação e durante a abertura da apresentação percebi o quanto eles estavam emocionados em ter sua primeira apresentação do espetáculo. Apesar de fazerem seus ensaios em uma sala do teatro, ter um espetáculo apresentado no palco principal foi uma conquista para o grupo. Não só eles se emocionaram, mas também pude compartilhar dessa emoção junto com meus interlocutores. Ao final da apresentação a principal integrante do grupo agradeceu a todos pela presença de como estava feliz pelo momento, pois era um sonho que eles estavam realizando que era a primeira apresentação de um espetáculo de dança preparado pelo grupo.

A escolha das entrevistas semi-estruturadas proporcionou uma maior liberdade dos interlocutores para que eles possam se sentir mais confortáveis na hora de falar.

Um ponto que deve ser destacado é a forma como entrei em contato com alguns dos interlocutores da pesquisa. Grande maioria dos contatos foi feito pelas Redes Sociais. Foi uma forma de chegar até alguns interlocutores, pois não conhecendo bem a dinâmica da cidade e dos grupos foi uma forma de estabelecer uma relação prévia. Alguns desses contatos nem sempre conseguia marcar uma conversa de imediato. Alguns se diziam disponíveis para conversar, mas tinha que vê qual o melhor dia para essa conversa e me avisavam quando pudessem. Em alguns casos, nem sempre ocorria, não houve um retorno de quando poderiam me encontrar. Fazia tentativas para marcar um novo encontro, alguns davam certo, mas em outros, não.

Quando esses contatos não davam certos era um momento de reflexão para rever meus próximos passos da pesquisa. Mas o que seria da antropologia sem os imprevisíveis do campo. A partir deles é que tomamos novos rumos e olhares para nosso objeto de pesquisa.

Vale salientar que os meios de comunicação, principalmente a internet, foram de grande importância para a pesquisa, sendo uma forma de me aproximar dos integrantes do movimento hip hop. As observações feitas pelas Redes Sociais me proporcionou essa aproximação com o objeto de pesquisa. Isso ficou nítido, quando era convidada para os eventos que iria ocorrer na cidade, foi comum receber os convites virtuais para ir a esses eventos. Isso me fez me sentir aceita por alguns dos interlocutores.

A teoria

Para a construção do trabalho foi necessário uma análise de alguns trabalhos feitos sobre o hip hop, sobretudo da cidade de Campina Grande. A dissertação de Thayroni Araújo Arruda, *A Construção Identitária a Partir da Ação Política dos sujeitos: O caso do movimento hip-hop na cidade de Campina Grande*, e a tese de Angelina Duarte, *Rompendo os muros do grafite e da pichação: uma análise etnográfica-discursiva da sociedade secreta dos grafiteiros/as e pichadores/ras na cidade de Campina Grande-PB* serviram de subsídio para que eu entendesse como se constitui a cena do hip hop na cidade e quais são os principais grupos que se destacam na localidade. Partindo dos apontamentos desses trabalhos, surgiu a necessidade de entender o papel da mulher nessa manifestação artístico-juvenil e cultural.

Além dessa bibliografia sobre o hip hop, para a construção do trabalho final foi necessário fazer uma análise de gênero a partir de alguns autores como Pierre Bourdieu, Nancy Frazer, Joan Scott e Heleith Saffioti e também sobre juventude através das teorias de José Machado Paes, Pierre Bourdieu e Gropo.

Com essas teorias buscou-se entender como a mulher está inserida no hip hop através da construção de suas identidades dentro de uma cultura juvenil.

Alguns autores que fazem um debate acerca da etnografia em suas obras como Malinowisk, Marc Agier, Marilyn Strathern, José Guilherme Magnani também serviram de suporte para o trabalho final.

Uma antropóloga em campo

Minhas primeiras experiências com o hip hop surgiu quando era aluna da graduação em antropologia. Nas observações nos eventos de hip hop na cidade de João Pessoa e Mamanguape-PB percebi que existia uma ausência de mulheres dentro do movimento. Observei através desses eventos e da literatura estudada que o hip hop propaga uma reivindicação de classe e raça, no entanto existe uma pouca participação de mulheres dentro desses eventos.

Com receio de chegar até os meninos, sempre tentava me aproximar das mulheres que encontrava, não só das que estavam competindo das danças e cantando, mas também me aproximava de algumas mulheres que estavam próximas

como mães, namoradas, irmãs. Era muito comum nesses encontros encontrar mulheres desempenhando esses papéis.

Com essas observações de campo, comecei a perceber que essas mulheres que não têm o protagonismo dentro do hip hop, mas exercem uma função de grande importância dentro do movimento. Sendo assim, parte importante para a estrutura do hip hop, tanto como um movimento político como também cultural. No entanto o que deve ser destacado é que há um ocultamento de grande maioria dessas mulheres.



Fotografia 1: Roda de conversa com o grupo Let'Go antes do ensaio no Teatro Municipal Severino Cabral. Fotografia: Esposa de um dos integrantes do grupo.

Enquanto acontecia a conversa, a esposa de um dos integrantes do grupo tirou algumas fotografias, depois o grupo perguntou se poderia postar a foto no Facebook e seu poderia sugerir uma legenda para a fotografia. Diria que foi um momento que simbolizou minha entrada no campo. No dia dessa roda de conversas, antes que o grupo começasse falar sobre e sobre sua entrada no grupo, falei sobre minha escolha com o objeto de pesquisa. Foi uma forma de deixá-los mais à vontade durante a entrevista.



Fotografia 2: Grafite na pista de skate do Parque da Criança . Fotografia: Mércia Lima

1. CAPITULO I. A chegada do movimento hip hop em Campina Grande - PB

O primeiro capítulo faz apresentação das mulheres que estão presentes dentro do hip hop de Campina Grande-PB, assim como do meu envolvimento com o tema. Levando em consideração que existe uma grande dificuldade dessas jovens mulheres de se manterem dentro do movimento, tendo em vista que há uma resistência por parte dos homens que são do hip hop.

1.1 O envolvimento com a pesquisa de campo

É inevitável para mim como antropóloga não me envolver com o meu objeto de estudo. Desde minha graduação em antropologia, algo me inquietava ao ir a campo quando estava em uma pesquisa com o hip hop como aluna voluntária, pois através dessa pesquisa pude perceber a pouca participação de mulheres dentro do hip hop. A partir das leituras sobre o tema fui percebendo que era um movimento que desde o seu surgimento tinha através de seus elementos¹ uma crítica social e racial. No entanto com as primeiras observações, fui percebendo que havia um ocultamento das mulheres dentro do hip hop ou até mesmo uma depreciação da imagem dessas mulheres em algumas letras de rap's. Isso pode ser perceptível através de alguns rap's de que são nacionalmente reconhecidos, a exemplo dos Racionais Mc's em rap's como *Mulheres Vulgares*, *Fim de semana no parque*, e atualmente o Emicida com *Trepadeira*, onde teve uma repercussão e sendo repudiada por mulheres de alguns movimentos feministas.

Alguns grupos de hip hop criado por mulheres vem cada vez mais ganhando espaço. Além das reivindicações raciais e sociais, há uma reivindicação feminista. Um exemplo é o grupo Afrondestinas, grupo formado por mulheres, da cidade de João Pessoa tem como principal tema de suas músicas a valorização da mulher.

O rap do grupo Afro-Nordestinas se opõe ao rap do grupo Racionais Mc's e do Emicida. Em muitas letras de rap's, não só dos artistas citados, mas de maneira geral, a imagem das mulheres aparece como símbolo de status, como se fosse um

¹ Os principais elementos do hip hop são o break, o Dj, o rap e o grafite. Discutirei mais adiante sobre esses elementos.

objeto que faz com que a virilidade do homem seja destacada. Vale salientar, mais uma vez que as temáticas das letras de rap's quando surgiram não tinham um intuito de destacar a inferioridade feminina dentro da sociedade, isso fez com que a mulher fosse esquecida e quando apareciam era de maneira desvalorizada. A mulher retratada no grupo *Afro-Nordestinas* demonstra a realidade das conquistas das mulheres nas últimas décadas que ainda há muito a ser conquistado. (LIMA, 2014, p. 43)

Para que haja um melhor entendimento sobre a escolha do meu objeto de estudo, faço uma apresentação de como fui me envolvendo com o tema de pesquisa desde a graduação até o mestrado, pois acredito que a escolha do objeto de estudo do pesquisador depende de sua biografia. Compartilho plenamente com a argumentação de Peirano (1992) em que ela afirma que:

Na antropologia, a pesquisa depende, entre outras coisas, da biografia do pesquisador, das opções teóricas da disciplina em determinado momento, do contexto histórico mais amplo, e não menos, das imprevisíveis situações que se configuram o dia a dia no local da pesquisa, entre pesquisador e pesquisados. Se esses impoderáveis são comuns também nas outras ciências sociais, na antropologia eles ficam ressaltados pela relação de estranhamento que a pesquisa de campo pressupõe e que na questão do exotismo "canônico" da disciplina. (PEIRANO, 1992. p. 13).

Não há dúvida que a história de vida do pesquisador contribua com o resultado da pesquisa. Abandonando assim, essa ideia de neutralidade, que no meu ponto de vista é algo inexistente.

Por ter passado minha adolescência em uma cidade do interior em que o estilo musical predominante é o forró, o hip hop era algo estranho para mim. Não conseguia bem diferenciar que ritmo musical era, e confesso que por não entender confundia com o funk. No meu círculo de amigos o hip hop era algo marginalizado, recebendo estereótipo de música de vagabundo, favelado. O envolvimento com o tema me fez ver os verdadeiros significados que o hip hop tem e de como existe uma organização dentro dos grupos que utilizam o hip hop como ferramenta de reivindicação política.

Na adolescência via sempre alguns jovens da cidade que tinham um estilo próprio de se vestir, andavam sempre em grupo o que fazia com que eles recebessem olhares que não eram de aceitação dentro da cidade. Ficava claro que o gosto musical deles não era o forró, apesar de frequentarem os shows de forró em praça pública. Essas festas eram uma oportunidade de encontrar os amigos, os shows tornavam-se

parte dos *circuitos* desses jovens. Na pesquisa em Campina Grande também pude perceber que dentro de eventos culturais que têm outros ritmos musicais como protagonista é muito comum ter os grupos de jovens que fazem parte do hip hop se encontrarem.

Em uma de minhas idas a campo onde ocorreu o movimento de ocupação do Açude Novo, O Ocupa Açude², alguns jovens se reuniram e começaram a dançar break, popping e outros estilos denominados de danças urbanas ao som de um grupo de maracatu da cidade. As batidas dos tambores do maracatu fazia com que os jovens pudessem trocar passos sem que perdessem as características da dança. O que podemos ver diante de tal acontecimento é a forma como o hip hop vai ganhando novas incorporações dependendo em um processo de hibridização.

Desde o término da graduação, vejo a pesquisa de campo como um rito de passagem, pois não só a entrada na graduação em antropologia, como também a pesquisa com o hip hop foi um divisor de águas que me proporcionou ter outra visão sobre o que se denomina de culturas juvenis. “A pesquisa de campo é, ao mesmo tempo, mito e evento histórico no desenvolvimento da antropologia. Concebida como “método” por excelência, como “rito de passagem” na formação dos especialistas”. (PEIRANO, 1992, p.4). Não só a escolha do curso, mas a escolha do tema de pesquisa foi de grande relevância para minha formação pessoal e acadêmica.

Tendo uma formação em Letras, dava aula em uma escola pública em um bairro considerado periférico na cidade de Mamanguape –PB³. Com meu ingresso no curso de antropologia, tive a oportunidade me envolver com a pesquisa juntamente com professor Marco Aurélio Paz Tella e fui buscando cada vez mais entender sobre o hip hop. Comecei observar que era muito frequente os alunos da escola mencionarem que estavam dançando hip hop e nos momentos do intervalo faziam uma pequena roda no pátio da escola ou até mesmo na sala de aula para a troca de passos. Muitas vezes considerados por alguns profissionais da escola como bagunça, logo era interrompido.

Meus estudos com o hip hop surgiu na graduação quando era aluna do curso de antropologia. Tive os primeiros contatos com o hip hop através do trabalho sobre o rap em São Paulo do professor Marco Aurélio Paz Tella. No ano de 2010 o professor tinha

² O Ocupa Açude é uma iniciativa de revitalizar uma área no centro de Campina Grande que até então está sendo esquecida, o Açude Novo que fica localizado próximo o terminal de integração de ônibus. Até o final da pesquisa, houve três movimentos de ocupação. Muitos não o frequentam o local por medo e falta de segurança no local.

³ Cidade localizada no litoral norte da Paraíba. A distância até a capital João Pessoa é de 62 Km.

um projeto sobre o rap como forma de sociabilidades de jovens na região metropolitana de João Pessoa. Fui escolhida como aluna voluntária do PIVIC e comecei ir a campo. Por me sentir desconfortável em um ambiente em que predominava um público extremamente masculino, ficava sempre querendo me apoiar em alguma mulher que estava presente nos eventos, porém essas mulheres eram poucas e muitas estavam lá com de seus companheiros, irmãos, filhos. Muitas nem eram participantes do hip hop, de forma direta, porém era um suporte necessário para os homens que lá se encontravam. De certa forma, entendia o porquê as meninas não estavam tão presentes, ficava sempre me perguntando sobre as proibições que elas deveriam ter por parte de seus pais ao anunciarem que queriam participar de um movimento que não era tão bem visto por alguns segmentos da sociedade.

Ainda na pesquisa da graduação fui ao Encontro Paraibano de Hip Hop realizado no dia 8 de agosto de 2013 na Estação Ciência em João Pessoa. Apesar de o encontro ser para debater o hip hop na Paraíba, a mesa era composta apenas por homens. Isso era nítido não só na mesa de conferência, mas de uma forma geral na plateia que se fazia presente na solenidade de abertura.



Fotografia 3: Mesa de Abertura do Encontro Paraibano de Hip Hop composta só por homens. Fotografia: Mércia Lima

Ao chegar a Estação Ciência⁴ senti um desconforto por está naquela localidade onde predominava um público masculino. Isso fez eu me aproximar das poucas mulheres que lá se encontravam, entre essas mulheres muitas não estavam competindo, mas estavam dando um suporte ao esposo, aos filhos. Essas minhas primeiras observações que foram sendo comprovadas em outros eventos que fui observando, a pouca presença de mulheres era algo que me inquietava.

Com esse questionamento sobre a pouca participação da mulher no hip hop e tendo em vista que através das primeiras leituras sobre o hip hop era um movimento de reivindicação racial e social, comecei a me questionar o porquê a mulher não tinha um espaço privilegiado dentro do movimento hip hop assim como o homem. Partindo dessa problematização fiz meu Trabalho de Conclusão de Curso sobre a mulher no hip hop com o título *A participação feminina no hip hop: Jovens mulheres em culturas juvenis*. A pesquisa foi realizada nas cidades de João Pessoa e Mamanguape, onde tive a oportunidade de ir para alguns eventos de rap, de grafite e de break. Não foram muitos eventos, mas os poucos que pude ver ficava bastante claro a pouca presença de mulheres.

Ao passar no mestrado em Ciências Sociais em Campina Grande vim com um intuito de estudar as lideranças femininas em um assentamento do MST que fica nas proximidades da cidade, porém devido meu envolvimento no grupo de estudos Sociabilidades e Conflitos Contemporâneos - SOCIATOS e depois de apresentar meu trabalho da graduação na 29ª Reunião de Antropologia Brasileira – RBA tive várias ideias para dar continuidade ao trabalho, decidi prosseguir com o tema da graduação no mestrado.

Após ler uma dissertação sobre o hip hop na cidade, fui cada vez mais me interessando pela cena hip hop na cidade de Campina Grande. Confesso que trabalhar com as lideranças femininas do assentamento do MST era para mim algo que me faria me sentir mais antropóloga pelo fato de passar certo tempo no assentamento. Acordar com os nativos, fazer as refeições com eles, viver um pouco do cotidiano deles. Mas algo me fazia não abandonar o tema que trabalhei na graduação, na verdade uma inquietação, querendo sempre entender o porquê da ausência de mulheres em uma cultura juvenil que tem como objetivo as reivindicações sociais e raciais.

⁴ A Estação é um espaço que propaga a cultura, arte, ciência e tecnologia à população de forma gratuita. Além de se um ponto turístico e cartão-postal da cidade de João Pessoa.

Com o início da pesquisa e depois de um ano morando em um bairro, resolvi me mudar para o centro da cidade, pois vi que teria maiores possibilidades de conhecer as atividades artístico-culturais da cidade, os pontos frequentados pelos hip hoppers da cidade de Campina Grande.

Esses sentimentos foram fazendo uma confusão em minha cabeça, mas depois de um tempo fui percebendo que estava vivenciando as mesmas experiências dos clássicos antropólogos, de uma maneira diferente, claro. O fato de ter vindo morar em outra cidade, longe de uma realidade diferente da que eu tinha vivenciado até minha graduação, foram essências não só para minha vida acadêmica como também para minha vida pessoal.

Apesar de não mais se aceitar – com razão – a oposição entre “sociedade simples” (e muito menos “primitiva”) *versus* “sociedades complexas” para estabelecer o ponto de corte entre aqueles grupos tradicionalmente estudados pelos antropólogos e as sociedades urbano-industrias, não se pode negar que o modo de operar dessa disciplina, seja qual for o contexto de seu estudo, carrega inevitavelmente as marcas das primeiras incursões a campo. (MAGNANI, 2008, p. 20)

A citação acima é de extrema relevância, e acredito que ainda é algo que mexe muito com o fazer antropológico do pesquisador. Muitas vezes me confundi sem saber se estava estudando minha própria sociedade ou estava fazendo o exercício que tanto queria viver junto aos nativos. A solidão antropológica me fez repensar diversos valores que tinha e que estava em um momento de crise. O que Velho (2013) afirma em relação ao estudo da própria sociedade é

Não creio que o estudo da própria sociedade seja uma heresia dentro da trajetória da reflexão antropológica, mas significa, sem dúvida, uma ampliação e complexificação de nosso campo de estudo. Logo é uma tarefa a ser assumida com todos os riscos e desgastes que envolve. (VELHO, 2013, p. 86)

Não sei se seria exatamente meu caso, estudar minha própria sociedade, apesar de ser moradora de Campina Grande, os fenômenos da cidade ainda são descobertas a serem feitas que não se limitaram com minha pesquisa. A cidade oferece diferentes fenômenos sociais que proporciona diferentes olhares. O *locus* de pesquisa, a cidade de Campina Grande, tem uma grande fama de ser reconhecida nacionalmente como um local que tem suas tradições nordestinas mantidas, isso é reforçado a cada ano no mês de junho durante os festejos juninos, onde é tida como um dos maiores atrativos turísticos do nordeste, sendo veiculados esses anúncios nos maiores meios de

comunicação, não só da cidade, como também nos meios de comunicação de nível nacional. Campina Grande também é um centro submetropolitano, exercendo assim grande influência para os municípios circunvizinhos, além de estar situada próxima a algumas capitais nordestinas. (ARRUDA, 2012). Sendo reconhecida como uma das cidades onde tem um pólo tecnológico que atrai pessoas de diferentes regiões, tendo assim a fama de uma cidade moderna, ou seja, Campina Grande é uma via de mãos duplas.

A escolha do meu objeto de estudo é uma análise micro que revela como se dão as relações sociais em uma cidade de médio porte e de como as dinâmicas sociais se configuram, a partir da observação da participação feminina no hip hop.

Cabe destacar que abordagem feita por diversos trabalhos acadêmicos, a ênfase é sobre as reivindicações das condições sociais e raciais dentro do movimento hip hop, essas abordagens, sem dúvidas, são de extrema importância para o movimento. Porém o que a pesquisa propõe é compreender como é a participação feminina dentro do movimento hip hop e como elas desempenham seus papéis sociais através dos elementos do hip hop. A análise do contexto social dessas participantes foram de fundamental importância para a compreensão de seus papéis sociais dentro da lógica do hip hop, tanto como do ponto de vista como cultura como movimento reivindicatório. Nesse sentido é relevante pensar essas mulheres dentro do contexto social em que elas vivem.

Durante a pesquisa o que se observou é que existe uma diversidade de jovens que se dizem do hip hop. Existe uma maior popularidade e reconhecimento dos jovens que tem um grau escolar melhor. Era comum quando falava da minha pesquisa para algum amigo, alguém mencionar um hip hopper em relação a atividade que ele faz paralela ao hip hop. Em grande maioria era algo ligado ao curso universitário que fazem.

A partir dessas observações, decide não pensar os interlocutores dentro de uma faixa etária que se denomina como ser jovem.

De acordo com Magnani (2012), a ideia sobre juventude no presente trabalho se propõe a mostrar os *circuitos* construído pelos jovens, tendo em vista que muitos dos jovens saem dos seus bairros para a pratica dos elementos do hip hop no centro da cidade. No *locus* de pesquisa o que percebi que os jovens fazem um *circuito* entre periferia e centro. Para Magnani o objetivo de trabalhar com essa categoria é “privilegiar a inserção do jovem na paisagem urbana o meio da etnografia dos espaços

por onde circulam, onde estão seus pontos de encontro e ocasiões de conflito, além de parceiros com quem estabelecem relações de conflitos”. (MAGNANI, 2012, p. 164)

Para pensarmos como é a construção da identidade negra trago a análise de Kabengele Munanga (2003) sobre a mestiçagem no Brasil,

Do ponto de vista da antropologia, todas as identidades são construídas, daí o verdadeiro problema de saber como, a partir de que e por que. A elaboração de uma identidade empresta seus materiais da história, da geografia, da biologia, das estruturas de produção e reprodução, da memória coletiva e dos fantasmas pessoais, dos aparelhos do poder, das revelações religiosas e das categorias culturais. Mas os indivíduos, os grupos sociais, as sociedades transformam todos esses materiais e redefinem seu sentido em função de determinações sociais e de projetos culturais que se enraízam na sua estrutura social e no seu quadro do espaço-tempo. (MUNANGA, 2003 p. 49).

Como visto na citação acima, a partir da ótica da antropologia, as identidades são construídas, e isso é relativo com o contexto histórico e local. Trazendo esse debate sobre a construção da identidade do hip hop de Campina Grande, podemos perceber como os participantes de tal movimento, incorporam elementos regionais dentro do movimento. Durante a pesquisa, em alguns eventos foi comum encontrar jovens dançando break ao som do maracatu, encontrar grafites que representam os símbolos do maior festejo da cidade, “O Maior São João Do Mundo”, entre outros.

Acredito que para entender a participação da mulher dentro do movimento hip hop em Campina Grande era necessário não só ir em busca das mulheres, como também entender qual a função que a mulher tem no hip hop através dos discursos masculinos. Durante a pesquisa realizei entrevistas não só com as mulheres, mas também com grafiteiros, rappers, b. boys.

Meus questionamentos durante as entrevistas e conversas informais que tinha com eles era o porquê existia essa ausência de mulheres em um movimento que prega uma reivindicação social, de classe e raça. De acordo com alguns relatos, isso acontecia porque muitas mulheres não queriam participar e que era difícil encontrar mulheres que se interessasse pelo movimento hip hop na cidade de Campina Grande. Mas o que se notou é que não há uma restrição para que essa mulher possa se sentir acolhida dentro de um grupo que há uma hegemonia masculina.

Para mim também foi algo desafiador, não só por ser mulher, mas também por não conhecer os personagens que seriam meus futuros interlocutores para minha

pesquisa, minha principal aliada para estabelecer meus contatos foram as Redes Sociais, pois foi onde fiz meus primeiros contatos com os interlocutores (as) . Após ter lido a dissertação de Thayrony Arruda intitulada *A construção identitária a partir da ação política dos sujeitos: o caso do movimento hip-hop na cidade de Campina Grande*, vi que existia uma cena hip hopper na cidade que me despertou uma grande curiosidade. Sabendo dessa existência recorri às Redes Sociais a procura de pessoas engajadas no hip hop de Campina Grande.

Encontrei um documentário do Núcleo de Hip Hop Campina Grande que mostrava alguns pontos da cidade em que os jovens se encontravam para a prática do hip hop. Um dos primeiros passos foi fazer um mapeamento dos lugares e identificar os jovens que lá estavam. As Redes Sociais foram à maneira que encontrei de me aproximar dos informantes. Alguns enviei o convite de amizade, pois dessa forma podia estabelecer uma relação de “amizade” onde podia ver o que eles (as) compartilhavam e também uma forma de saber sobre os eventos que estavam acontecendo na cidade que tinham alguma relação com o hip hop. Estabelecendo essa rede de relação com os interlocutores, muitas vezes fui avisada por alguns deles dos eventos que iam acontecer na cidade, o que me deixava muito feliz, pois vi que estava sendo aceita entre eles.

Em um show de um rap que aconteceu no Mini Teatro Paulo Pontes, uma anexo do Teatro Municipal, um dos meus interlocutores estava presente. Ao ir falar com ele, vi o quanto ele tinha ficado feliz por eu ter ido contemplar seu trabalho. Segue o pequeno relato do meu diário de campo ao voltar desse show:

Acredito que cada ida a campo, sinto-me aceita pelo público do hip hop de Campina Grande, em fortaleço como profissional e sobretudo como pessoa. Não é fácil “invadir” a vida alheia. É bastante constrangedor pra mim quando entro em contato com alguém que sei que é do movimento e não sou correspondida, mas também sei o quanto é difícil para esse “outro” ser interpelado por uma estranha como eu que quer invadir seu espaço. Voltei pra casa cheia de ideias, alegrias, tristezas... Mais um dia de campo e de aprendizado. (Meu Diário 11/11/2015)

Não posso deixar de registrar também as decepções que tive ao marcar com alguns desses informantes e eles não entrarem mais em contato comigo. Foram momentos de tristezas antropológicas que me faziam repensar o meu objeto de estudo

e se eu estaria indo no caminho certo da pesquisa, afinal não existe uma receita pronta de como fazer uma boa pesquisa de campo.

O diário de campo, foi meu companheiro, pois os medos, alegrias, variados sentimentos que senti no campo e no pós-campo era algo que nem sempre podia ser compartilhado com alguém, pois em meio a uma conversa e outra com meus interlocutores (as) sabia que algo não podia ser divulgado em meu trabalho final.

Ao final da pesquisa contabilizei 13 interlocutores, sendo seis mulheres e sete homens. Os registros feitos no diário de campo, não era só uma forma de relatar o campo, mas uma forma de expor as alegrias, frustrações, enfim os mais variados sentimentos que o campo me proporcionou. Segue fragmentos da primeira página do meu diário de campo:

Escolher o tema para minha pesquisa não foi tão fácil assim, até mesmo porque a escolha de um tema para uma pesquisa antropológica, sem dúvidas, perpassa a biografia do pesquisador. Não podemos dizer que haja uma neutralidade por parte do pesquisador, mentira sem tamanho.

Talvez já tenha tido algumas experiências de campo desde minha graduação, mas parece que todo conhecimento acumulado tem sido pra mim inútil ao saber que tenho um determinado campo para que eu precise pesquisar. Acredito que o diário de campo de um pesquisador é seu principal cúmplice durante uma pesquisa antropológica.

Formalmente minha pesquisa ainda não foi iniciada, digo isso no sentido de ir a campo e começar a fazer registros de passo a passo de minha pesquisa. Mas é engano, minha pesquisa como antropóloga começou desde o primeiro dia em que vim morar em Campina Grande, talvez para alguns não seja uma experiência tão grandiosa sair de uma cidade para ir morar em outra do próprio estado. Para mim, é sim!

A partir daqui será escrito linhas de inexperiências, medos, alegrias, conquistas pessoais e profissionais. Mas principalmente muito conhecimento sobre o “outro” e sobre mim.

(Diário de campo 20/03/2015)

Entre as idas a campo, escrita do diário de campo e também as idas para cidade dos meus pais me faziam repensar muito sobre o meu objeto de estudo e de como estava vendo as coisas com outros olhares. Eram os momentos que mais podia perceber o quanto a antropologia foi e é a grande causadora da minha transformação em minha vida acadêmica e pessoal.

Tendo sempre em mente que o que meu principal objetivo era encontrar mulher no hip hop de Campina Grande, por um bom tempo na pesquisa fiquei presa em ir em

busca apenas das mulheres, isso foi motivo de grandes desesperos, pois não encontravam mulheres que estavam totalmente engajadas no movimento hip hop. Ficava indignada por não encontrar um número de mulheres suficientes para minha pesquisa.

As reflexões pós-campo me fez entender que existem um número considerável de mulheres, no entanto há também um ocultamento dessa mulher diante de uma hegemonia masculina, sendo assim um reflexo da sociedade. O hip hop de maneira generalizada, segue os mesmos padrões da nossa sociedade patriarcal.

Em entrevista realizada com um grafiteiro, ele afirma que não tem mulheres na crew⁵. Segundo ele: *é porque não tem, e meio que assim, já era um grupo de amigos. A gente já pichava juntos e tal na época?* Diante desse relato o que também se percebe é que não há um espaço para que a mulher possa se sentir à vontade dentro de grupos que prevalece o masculino. A falta de mulheres caracterizada por ele, não quer dizer que não existam mulheres interessadas em desenvolver tal atividade, mas por falta de um incentivo que a faça se sentir à vontade dentro dos grupos.

Por trabalhar com o tema voltado para a participação feminina, ao me dirigir para um rapper da cidade, fui explicar qual era o objetivo do meu trabalho, ele foi logo me olhando e dizendo: *ah, então você é feminista?* Foi algo que me paralisou naquele momento, pois vi que era uma crítica que ele estava me fazendo. Quando perguntei o porquê não tinha meninas dentro do grupo que ele participa, imediatamente ele me falou que na cidade não tem essas mulheres. Segundo ele, tinha duas meninas que estavam sendo preparadas pelo grupo. *A gente tá ensaiando umas meninas para entrar para o nosso grupo, elas são lá do bairro que moro.*

Segundo Strathern ,

O jogo com os contextos é criativo, devido à continuidade expressa entre as finalidades das feministas enquanto pesquisadoras e das feministas enquanto ativas. Objetivos podem ser percebidos de diversas formas; no entanto, a pesquisa é, ao final, representada como livre de molduras por um conjunto especial de interesses sociais. As feministas discutem entre si, com suas várias vozes, pois também se reconhecem como um grupo de interesses. Há uma certeza sobre aquele contexto. O antropólogo está em posição diferente. Parece haver tal grupo de interesse antropológico. Para a antropologia, jogar com contextos internos – com as convenções da pesquisa (gênero) – parece jogo livre com contextos social da antropologia enquanto tal (vida). Na realidade, a incerteza resultante é intrínseca à motivação

⁵ Crew é o nome dado para o grupo de b.boys, b. girls, grafiteiros(as) .

antropológica e a motivação para o estudo. (Strathern, 2013, p. 63)

Trago a reflexão de Strathern (2013), para pensarmos o quanto é desafiador trabalhar com temas que seus interesses pessoais também estão em jogo. A busca de mulheres dentro do hip hop, é algo que me faz repensar muito sobre o espaço que as mulheres têm no mundo social, de forma geral. E vendo isso em uma cultura que prega uma igualdade social e racial, mas se contradiz em relação à presença feminina.

Por sempre procurar sair com pessoas que frequentam ambientes mais alternativos em relação ao circuito dos shows de forró da cidade, era comum encontrar alguém que denominei como sendo do hip hop. Como já mencionado anteriormente, é muito comum encontrar pessoas do hip hop em diferentes ambientes culturais. Apesar de ser uma cidade em que recebe pessoas de diferentes localidades devido ao número de universidades e faculdades existentes, ela ainda mantém as características de uma cidade de interior em que os moradores se conhecem.

Cada ida a campo era um desafio a ser superado por mim, não só pelo medo que muitas vezes senti ao ir sozinha para algum evento, ou por me sentir desconfortável nos ambientes, enfim. Em alguns das experiências de campo, fui privada de levar minha máquina fotográfica, pois era alertada anteriormente que era melhor se prevenir e não levar. O medo da violência faz parte do cotidiano dos moradores de Campina Grande. Talvez o medo de passar por algum tipo de violência seja maior do que os dados estatísticos que comprovem essas violências.

Mas algumas situações de campo foram bastante preocupante. Em um evento no bairro do Pedregal foi inevitável não sentir medo. No dia do evento fui acompanhada de Mariana que também estava realizando pesquisa no bairro sobre o lazer dos jovens.

A escolha de um bar específico para a realização do show se deu em razão dele ser um local mais ameno e menos propício ao embate entre membros da facção. Ele fica localizado em um ponto do bairro onde a tensão é um pouco mais reduzida, em razão de ser um território “demarcado” da facção que supostamente domina o Pedregal, não havendo de modo habitual disputas por esse local, e, tendo, também, um “acordo prévio” para não ter “treta”, isto é, confusão. (...) O local do show era amplo e aos poucos algumas pessoas foram chegando. A maioria jovem e masculina. Os grupos eram claramente diferenciados a olho nu. (CAVALCANTI, 2016, p.21)

Segue relato da experiência de campo.

(...) No final da apresentação do grupo, um dos rapper chamou o rapper do bairro para subir ao palco e cantar um rap. No final da

música percebi uma movimentação estranha na entrada do bar onde estava acontecendo o show. Alguns jovens correram, enquanto outros subiam no teto com o intuito de se esconder da polícia. Não entendi bem o que estava acontecendo, fiquei muito nervosa sem saber qual era o problema. Aproximei-me de Mariana e falei que estava acontecendo algo. Alguns minutos depois, os jovens voltaram para seus lugares. Fui até um dos moradores do bairro que havia nos levado para o show e perguntei o que estava acontecendo, ele também disse que não estava entendendo, o que me deixou ainda mais preocupada. Depois de um tempo ele falou que a polícia tinha chegado na frente do bar e pegou algumas pessoas com “flagrante”, mas que agora estava tudo tranquilo. Ele prossegue dizendo: *Acabei de falar como um dos caras que tava lá na hora e ele disse que tá tudo bem, mas falei pra ele que me avisasse logo se acontecer alguma coisa.*

(Diário de campo 31/05/2015)

Foi um dos momentos mais tensos pra mim durante esse dia de pesquisa, não tinha em mente como agir se a situação se agravasse naquele momento. Mas o fazer antropológico, propriamente dito, perpassa por todas essas emoções.

Partindo dessas percepções nas primeiras idas a campo, merece destaque uma análise sobre minha presença durante as idas a campo.

1.2. Ser mulher no campo de pesquisa

São os corpos que veem e que determinam o que é visto. A partir de seu corpo humano, os seres humanos só podem “ver” os animais como não humanos. (...) O corpo é, por sua vez, criado pela visão. (...) o que determina a forma, isto é, o que determina o que pode ser visto, é o estado espiritual. (Strathern 2014 , p. 391-392)

Os corpos passam mensagens que recebem interpretações diversas. Em alguns eventos me senti meio desconfortável por ser mulher, em outras ocasiões isso me ajudava bastante.

Ao final da pesquisa o que pude perceber através da análise do meu diário de campo e da contabilização de interlocutores que entrei em contato é de que os homens sempre demonstraram um maior interesse quando falava que podiam conversar comigo sobre o hip hop. Apesar de ser entrevistas, optei em não denomina-las como tal para meus interlocutores. A intenção era fazer com que eles se sentissem a vontade

para falarem de suas experiências. Em conversa pela internet falei do meu trabalho, qual o curso que fazia, enfim marcava e na maioria das vezes dava certo.

Algumas situações semelhantes com as mulheres, não tive a mesma reciprocidade, pois ao falar da pesquisa para os homens, percebi um maior interesse de marcar uma conversa para eles falarem de seu envolvimento com o hip hop. Com as mulheres, vi que havia algumas barreiras, elas sempre diziam que tinham que ver o melhor dia para pode ser entrevistadas. Algumas vezes tive que recorrer a elas mais de uma vez. Para mim, era um momento de muita reflexão, pois sempre achava que estava sendo invasiva e também não me sentindo bem aceita por elas, talvez pelo fato de ser uma recém-chegada na cidade, não sendo reconhecida como do território.

O corpo do pesquisador acaba também se transformando num diário de campo, onde nele se inscrevem as marcas dos encontros intensos ocorridos durante os shows. Assim como Wacquant⁴⁵ (2002), penso que é importante numa pesquisa de campo estarmos preparados para descobrir “o sabor e a dor da ação” que só podemos captar através da exposição do nosso corpo. Neste caso, nosso apenas os straightedges que precisam saber administrar seu capital-corpo, mas também o pesquisador. Ao entrar num *circle-pit* é preciso estar preparado para levar um tombo, ou ser atingido por um soco, ou pontapé, o que exige do pesquisador uma espécie de conhecimento prévio sobre o espaço onde está sendo realizada a performance, como também dos movimentos que estão sendo efetuados.

(BITTENCOURT, 2011 p. 76)

Mas não posso dizer que isso ocorreu com todas as mulheres que entrei em contato. Por algumas fui muito bem aceita e até recebi elogios por estar pesquisando sobre o tema.

Havia combinado com uma das integrantes do Let's Go que iria em um dos ensaios do grupo no Teatro Municipal. Já tinha feito um contato com Júlia, uma das integrantes do grupo, através de uma amiga que me apresentou na UFCG e, previamente, combinei de ir em um dos ensaios do grupo. Em um desses dias de ensaio mandei uma mensagem para Júlia falando que iria aparecer, mas vi que ela não viu minha mensagem. Mesmo assim resolvi ir, pois sabia que os ensaios ocorriam nas sextas-feiras e segundas das 18 às 22 horas na sala de dança do teatro. Era por volta das 19h00min horas quando cheguei ao teatro acompanhada de uma amiga.

O rapaz da recepção me informou onde era que estava acontecendo os ensaios e fui. Bati na porta e quem abriu foi um dos meninos do grupo, vi que Júlia estava. Pedi

ao rapaz que a chamasse. Confesso que na hora não sabia bem o que dizer, pois como ela não tinha visto minha mensagem, não sabia que eu ia. Ela pediu um tempo para informar ao grupo que eu tinha ido ver os ensaios e que eu aguardasse até eles terminarem uma reunião.

Após um tempo, Júlia foi nos chamar e fomos para a sala. Estavam reunidos quatro meninos e duas meninas. Segundo eles, são três meninas que compõem o grupo. Na formação inicial, o Let's Go era composto só por mulheres, porém em sua formação atual, são apenas três. Não sabia exatamente o que fazer na hora que eles estavam ensaiando, enquanto eles não se organizavam para a coreografia que estavam treinando para uma apresentação no final de semana, os meninos ficaram se aquecendo com alguns passos de break e as duas meninas se alongando. Depois do aquecimento em grupo, Hianne sorriu e disse: *bora!* Uma forma de me chamar para ensaiar, não era sério o que ela estava dizendo naquele momento, mas isso me fez me sentir mais aceita no grupo. Depois que sentaram e foram escolher a música para a coreografia, perguntei quantas meninas tinha no grupo, tentei puxar uma conversa para não me sentir invadindo aquele espaço. A sala de dança não era tão grande e isso me fazia ainda mais me sentir preocupada, pois tive a sensação de está tomando conta de um espaço que eles necessitavam para o ensaio.

A partir dessa observação estabeleci um contato com o grupo e sendo sempre convidada para as apresentações deles. Depois marquei uma entrevista mais formal onde pude me sentir mais a vontade com o grupo e eles também com minha presença.

Falar da pesquisa nem sempre é fácil, em alguns casos fui apresentada como a menina da universidades que estar fazendo uma pesquisa. Falar que é de uma determina instituição é muitas vezes uma forma de entrar e ganhar espaço em determinadas situações, porém também pode ser uma forma de impedir aproximações. Uma das situações de campo ao falar que era aluna da UFCG, vi que foi algo que não despertou interesse por parte da interlocutora a qual me aproximei.

Além das ferramentas essenciais que o antropólogo carrega como: caderno de campo, máquina fotográfica, o corpo é o mais importante dele para que se tenha uma reciprocidade com os interlocutores.

A análise antropológica é uma tarefa constante, ela acontece antes, durante e pós-campo. Tendo em vista que a escrita é o resultado final do(a) antropólogo(a), é nesse momento que todas as reflexões se juntam para que possamos fazer devidas interpretações do nosso objeto de estudo.

Para compreendermos qual o papel da mulher dentro do hip hop, acredito que é necessário fazer uma análise não só histórica, mas também contextual da chegada desse movimento artístico cultural na cidade de Campina Grande.

1.3. A chegada do hip hop em Campina Grande

Para entender como o hip hop chega até a cidade de Campina Grande farei um breve histórico de como esse movimento surge e em que cenário ele teve seu maior destaque.

O hip hop desde seu surgimento nos bairros periféricos de Nova Iorque, é um movimento juvenil que tem como objetivo dá notoriedade aos jovens que estão à mercê de uma classe social que se sobrepõem, não tendo assim uma assistência necessária por parte dos governantes. O hip hop é um degrau a mais alcançado pela população brasileira, que fez de seu lazer uma forma de protesto contrária à violência e as condições a que são submetidos pela sociedade brasileira. (FÉLIX, 2006). Sendo o hip hop um movimento artístico cultural, através de suas artes faz essa reivindicação política. É por meio do canto, da dança e do grafite que esses participantes do hip hop demonstram suas posições políticas e ideológicas (FÉLIX, 2006).

Desde seu processo de legitimação, o hip hop é tido como um fenômeno que desperta diferentes olhares. A pesquisa se propõe através da etnografia mostrar como esse fenômeno vem cada vez mais ganhando uma dimensão dentro das pesquisas, sendo o caso aqui estudado através da ótica da antropologia urbana. Através da etnografia, têm-se as dinâmicas que são construídas nas redes de relações entre os membros do hip hop de Campina Grande e outros participantes de cidades circunvizinhas. É fundamental que o etnógrafo se disponha quase que totalmente para a compreensão das dinâmicas sociais que seu tema de pesquisa requer. O etnógrafo tem uma dupla tarefa. A primeira seria descobrir as estruturas culturais que informam os atos dos sujeitos e a segunda seria construir um sistema de análise para a compreensão dos fenômenos humanos. (MALINOWSKI, 1984). Dessa forma, não conhecendo as configurações do sistema social dos jovens de Campina Grande, passei a frequentar lugares em que subentendia que poderia encontrar adeptos do hip hop.

Nesse sentido, coube-me fazer as interpretações devidas para um maior entendimento dos dados que o campo me forneceu. O que não foi uma tarefa tão fácil, pois essas informações podem ter duplos significados ou até mais. Um exemplo que pode ser dado aqui é sobre alguns termos que são usados dentro do hip hop, o de cultura e de movimento.

Durante a pesquisa não tentei focalizar tanto nessa nomenclatura, pois os jovens que participam do movimento hip hop são distintos, muitos não têm essa preocupação de estar a todo o momento se afirmando como sendo de um movimento. De acordo com a pesquisa de Félix (2006), faço uma distinção do que seria o movimento hip hop e o que a cultura hip hop.

Em sua tese de doutorado *Hip Hop: Cultura e política no contexto paulistano*, João Batista de Jesus Félix faz uma distinção de tais categorias. Primeiro temos que entender que em seu princípio, o hip hop envolvia uma questão de negritude. No ano de 1988, após serem confrontados pela polícia militar, a primeira geração de hip hoppers de São Paulo assume também essa identidade de negritude e conseqüentemente aborda também as questões sociais. A partir de confrontos como esses, os hip hoppers decidem encarar o hip hop não só como uma simples expressão cultural, mas sim como um movimento político. O principal objetivo é participar das transformações sociais através dessas expressões culturais.

De acordo com a pesquisa de Félix (2006), tanto para a *Posse Aliança Negra* como para a *Posse Conceito de Ruas* que foram grupos pesquisados por ele, o hip hop é cultura em essência, no entanto é por meio da arte que os hip hoppers demonstram suas posições sociais, políticas e ideológicas. Esse tipo de atitude por parte do movimento hip hop deve ser encarado como o quinto elemento, que é o politizador tanto falado pelos hip hoppers.

Assim como o blues, o hip hop surge nos Estados Unidos, sobretudo nos guetos de Nova Iorque. Algumas características fazem com que o hip hop se assemelhe com o blues, como, por exemplo: o uso da oralidade, música como meio de comunicação; música específica de grupos e que ao mesmo tempo em que oferecem entretenimento identificam esses grupos, fazem denúncia da apropriação da indústria de entretenimento como meio de promover astros pop. (POSTALI, 2011).

O hip hop passou a ser a manifestação percussora da resistência marginal da segunda metade do século XX, iniciada pelo blues, no

final do século XIX. Como o blues, o hip hop procura manifestar a resistência perante o sistema social que manteve os grupos afro-estadunidenses em condições secundárias. (...) o blues e o seu conteúdo são semelhantes às do hip hop que se desenvolveu posteriormente. (POSTALI, 2010, p. 169)

Outro ponto que mostra a semelhança que o blues tem com o rap é a denúncia que ambos fazem da realidade em que eles vivem. Uma das críticas que pode ser feita é que assim como o blues o rap não teve uma abertura nos meios de comunicação, nos programas de rádios devido ao seu tempo longo de música. Pegando como exemplo os rap's dos Racionais Mc, onde a letra de um rap tem em média 7 a 8 minutos, os rappers não tinham suas músicas aceitas.

O que se percebe é, que por meio da música, os jovens conseguem fazer uma reivindicação do sistema em que vivem, sendo assim uma maneira de fazer denúncias já que os governantes não dão a importância necessária para o descaso que vivem os jovens. Na atualidade, principalmente voltando o olhar para o jovem da periferia da cidade de Campina Grande, isso não é diferente, os elementos do hip hop são cruciais para que esses jovens ganhem notoriedade ao menos na *quebrada*⁶ em que vivem.

Desde seu surgimento, tanto em nível mundial, nacional e local, o hip hop foi alvo de diversas críticas por reproduzir um machismo, sobretudo em suas letras de rap onde a imagem da mulher é vista de maneira sexista. O rap do grupo *Racionais Mc* por muito tempo foi alvo de duras críticas por reproduzir em suas letras a interiorização da mulher. Porém ao ser entrevista por um repórter da Tv CULT, sobre o machismo no rap, o rapper Mano Brown diz:

O Brasil é machista, o rap é o retrato do Brasil. As mulheres estão ganhando espaço, não que o homem tá cedendo, ele tá perdendo. Então quem cria o cara mimado e fresco são elas (as mulheres). Então tem lá os seus, a sua parcela de culpa, as mulheres. Sou a favor das mulheres. Entende? O homem teve a oportunidade de fazer o que eles quiseram. Quem sabe as mulheres não mude.

(Mano Brown)

Dentro do contexto histórico sobre a conquista do espaço de produção cultural por parte do movimento negro, podemos levantar questões cruciais em se tratando de movimento artístico-cultural. Entre tantos movimentos, a música é um elemento de grande reivindicação e resistência de negritude. A música “negra”, desde seus

⁶ (...) ser de uma quebrada é algo que torna esses jovens iguais, é algo que os une (...) quebrada evoca uma identificação com o espaço da periferia ou com a ideia que esses jovens fazem do que seja esse espaço. (PEREIRA, 2007, p. 242).

primórdios é um movimento de contestação que se faz uma denúncia da realidade social em que o negro após a abolição da escravatura está inserido. Deve-se levar em conta toda a falta de assistência que o jovem negro da periferia tem, para tanto existe uma organização por parte de grupos que tem suas formações e regras. A formação de grupos se torna de grande importância para que esses jovens se sintam representados. A participação em grupos de pares está associada à condição juvenil.

(...) os grupos de rap se constituem como um espaço social de experiências conjuntivas no qual os jovens desenvolvem suas habilidades artístico-musicais, constroem novas redes de solidariedade, elaboram experiências de ruptura e de desintegração familiar, bem como experiências de ruptura e de desintegração familiar, bem como experiências de discriminação e segregação sócio-espacial. (WELLER, 2014, p. 356)

Nesse sentido não só o rap, mas o hip hop, de forma geral, torna-se um grupo juvenil em que os jovens se sentem representados e com sentimento de pertencimento em um grupo.

Pensando não só o rap como um instrumento de reivindicação política, o hip hop através de seus elementos: o break⁷, o rap⁸, o Dj e o grafite têm ganhado cada vez mais visibilidade dentro do mundo acadêmico e sendo também produto de consumo por parte de alguns jovens que se apropriam de alguns de seus signos, sendo muitas vezes apenas consumidor dos produtos que a indústria cultural utiliza para atrair o público juvenil. Durante a pesquisa em Campina Grande alguns dos integrantes do

⁷ O termo rap é a abreviação de rhythm and poetry (ritmo e poesia). A palavra rap tem diversos significados em inglês. Ela remete tanto à expressão “pancada seca” quanto a ideia de “criticar duramente”. Como gênero artístico, o rap baseia-se em uma fala rimada sobre um fundo musical – muitas vezes apenas uma batida ritmada.” (CAVALCANTE, B., EINSENBURG, J., STARLING, 2001.)

⁸ Como um dos expoentes do movimento, o break se legitimou como a dança original específica da cultura hip-hop. Existem várias hipóteses que tentam explicar o surgimento desta dança. Uma delas diz que o break surgiu por meio das gangues que atuavam nas ruas dos bairros negros de Nova York, que cansadas de se digladiarem, começaram a “brigar na dança”, sendo o break a arma de briga. Outra hipótese procura estabelecer uma relação entre as imagens transmitidas pela imprensa norte-americana da guerra do Vietnã. Acreditando que elas levaram os garotos dos guetos (em forma de protesto pelos seus “irmãos” que estavam na guerra) a imitar os soldados que voltavam do Vietnã mutilados ou quebrados. A maioria dos soldados era de negros ou latinos. A tradução da palavra break significa “quebrar ou quebrados”. Portanto, isto não nos impede de considerarmos as duas hipóteses, tendo como referência o significado da palavra, pois pode ser usado nos dois contextos. (TELLA, 2000. p. 55).

movimento, destacam outros elementos que também são considerados dança urbana como o popping⁹ e o locking¹⁰.

Apesar do hip hop ser um movimento de reivindicação, é necessário que se faça uma análise dos tipos de jovens que estão inseridos, levando também em consideração o contexto social que eles se localizam. Trago essa discursão de juventude e de gênero para um contexto local, tendo em vista que o *locus* de pesquisa tem suas peculiaridades de uma cidade do interior do Nordeste.

Tal movimento tem como um de seus principais idealizadores Afrika Bambaataa, reconhecido como padrinho do hip hop e um dos primeiros a utilizar essa nomenclatura. Os quatro pilares que formam o movimento hip hop são o break dance, rap, Dj e o grafite. De acordo com alguns membros do movimento, existe um quinto elemento o qual os hip hoppers denominam de consciência politizadora. Segundo Bambaataa, o objetivo do movimento hip hop era de diminuir a criminalidade dos jovens das ruas e promover ideais pacifistas em que a autoafirmação da identidade negra fosse destacada. Vale salientar que os elementos do movimento hip hop antes de Bambaataa juntar todos na nomenclatura hip hop, aconteciam de forma independentes, sem que houvesse uma sincronia entre ambos, até o momento que foi denominado de hip hop. Formando a Universal Zulu Nation, uma organização não governamental que além de reunir todos os elementos que hoje é denominado de hip hop, também promovia palestras com outros temas diversos. Existem várias definições que define o que significa hip hop, mas segundo Postali *apud* Richard (2005) o termo mais usual é o “to hip” “to hop” que seria saltar movimentando os quadris, de acordo com a literatura sobre o hip hop, esse termo foi criado por Bambaataa para nomear os encontros de dançarinos, Djs e Mc’s. Sabendo que os elementos do hip hop é composto por esses elementos e o quinto elemento o qual muitos hip hoppers

⁹ Popping foi uma criação de Boogaloo Sam.basicamente. O popping são contrações musculares do peito, pernas e braços na batida da música. enquanto dançava ,Sam repetia inúmeras vezes a palavra “pop,pop,pop” que significa estouro. Em 1978 foi formado o grupo ,a princípio chamado the electronic boogaloo lockers,the electric boogaloos.a mais de 30 anos os “E.B´S” estão na ativa. fazendo shows, ensinando e educando sobre essas fabulosas danças pelo mundo todo.

¹⁰ Los Angeles, Cálifornia (EUA), década de 70. O funk music dominava a cena, pessoas enlouqueciam com Esse ritmo eletrizante. Nas danceterias a pista fervia ao som de James Brown, Rufus Thomas, Aretha Franklin, entre outros artistas. Consequentemente muitas danças surgiram, em especial o funky robot. E o funky chicken. Enquanto tentava dança-las, Don Campbell fazia movimentos travados (locks) com Seus braços. Para a sua surpresa, acabou criando “acidentalmente” uma dança diferente de tudo que já Se tinha visto na época. Ganhando o nome, a princípio, de campbellocking. Mudando depois apenas para locking. (APOSTILA CONHEÇA O HIP HOP)

denomina de consciência politizadora, é necessário salientar que esses elementos vão ganhando características locais.

Em entrevista realizada com o membro do Grupo Let's Go, Hianne diz que o break é o mais conhecido, porém dentro do conceitos de danças urbanas existem variações e que não deixa de ter uma relação com o hip hop.

Com o processo de globalização, o movimento hip hop começa a surgir no Brasil, por volta de 1980 em São Paulo. Devido ao pouco acesso aos meios de comunicação, o acesso a revistas e discos com conteúdos ligados ao hip hop, na maioria das vezes era feito através de viagens feitas aos Estados Unidos, isso aconteceu até a década de 1990, após isso com o processo de globalização esse tipo de material começou a ganhar mais popularidade no comércio.

O lugar onde os primeiros b. boys começaram a se encontrar foi na Rua 24 de Maio no centro de São Paulo. O breaking seria o primeiro elemento do hip hop a ter seus adeptos no Brasil. Um dos primeiros b. boys que teve destaque em São Paulo foi Nelson Triunfo, principal protagonista do breaking. Nelson é nordestino da cidade de Triunfo, cidade localizada no interior de Pernambuco. No documentário que relata sua vida, *Triunfo O filme*, Nelson diz que quando começou a fazer os primeiros passos de break na Estação São Bento, sofreu represália da polícia sendo acusado de causar tumulto. Apesar de ter surgido em São Paulo, maior cidade do país em número de habitantes, tem-se o nordestino como um dos precursores no movimento hip hop no Brasil. Ao chegar ao nordeste, o hip hop ganhará novas incorporações, adquire elementos regionais, o que poderíamos denominar de um processo de hibridização.

Podemos exemplificar esta questão, observando o conjunto brasileiro Chico Science que, envolvido no estilo musical hip hop, apresenta em suas letras a visão dos mangues de Recife. Refere-se à miséria da periferia de Recife e à modernidade urbana, misturando ao mesmo tempo o contagiante ritmo do maracatu às guitarras de rock pesado. A mistura que daí resulta, é em minha opinião, talvez a melhor fórmula para resolver o dilema de como enfrentar a fragmentação cultural a que estamos sujeitos (...). (AMORIM, 1999, p. 69).

Com o passar do tempo foram surgindo Djs que entravam nas competições para tornar as batalhas de b. boys diferentes e acirradas. Apesar de o movimento começar a ganhar novos adeptos, o material que os mantinham informados ainda era restrito no Brasil. Esse material era adquirido através de viagens para os Estados Unidos e a compra de revistas importadas. A música era o principal meio para que os brasileiros pudessem ter acesso à cultura afro-estadunidense.

Os elementos da cultura hip hop se espalharam pelas grandes cidades do mundo em virtude do processo de globalização através de fanzines¹¹, discos, vídeo clipes. Neste caso, identificamos que os elementos vão surgir de forma isolada até ter uma institucionalização. Na análise bibliográfica sobre o hip hop em Campina Grande, não se tem uma data fixa que marque a chegada do movimento. Assim como em Nova Iorque, os elementos não se organizaram de maneira sincronizada, ao longo do tempo elas serão juntadas e se fortalecem formando assim o movimento.

Para entender a localidade na qual o hip hop se encontra, é necessário situar a cidade de Campina Grande em seu contexto local e histórico. A cidade está localizada no interior do estado da Paraíba, na parte oriental do Planalto da Borborema. Segundo a estimativa do IBGE, no ano de 2015, a população era 405.072 habitantes, ela é considerada um dos pólos industriais da região Nordeste. Ainda tem a fama de ser uma cidade universitária, pois abriga 15 faculdades e duas universidades públicas, a Universidade Federal de Campina Grande – UFCG e a Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Nacionalmente, o município é conhecido por sediar grandes eventos culturais como o “Maior São João do Mundo”, O “Encontro da Nova Consciência” e o “Festival de Inverno”. Por ter tal envergadura no campo acadêmico e na promoção de eventos culturais, a cidade atrai pessoas de diferentes segmentos e regiões, o que propicia ser palco para uma grande diversidade de gostos musicais.

¹¹ Abreviação de Fanatic Magazine. Revista editada por um fã. Engloba diversos temas, não tendo uma visão necessariamente política, como poesia, música, feminismo. No Brasil o termo é genérico para todo tipo de produção independente.

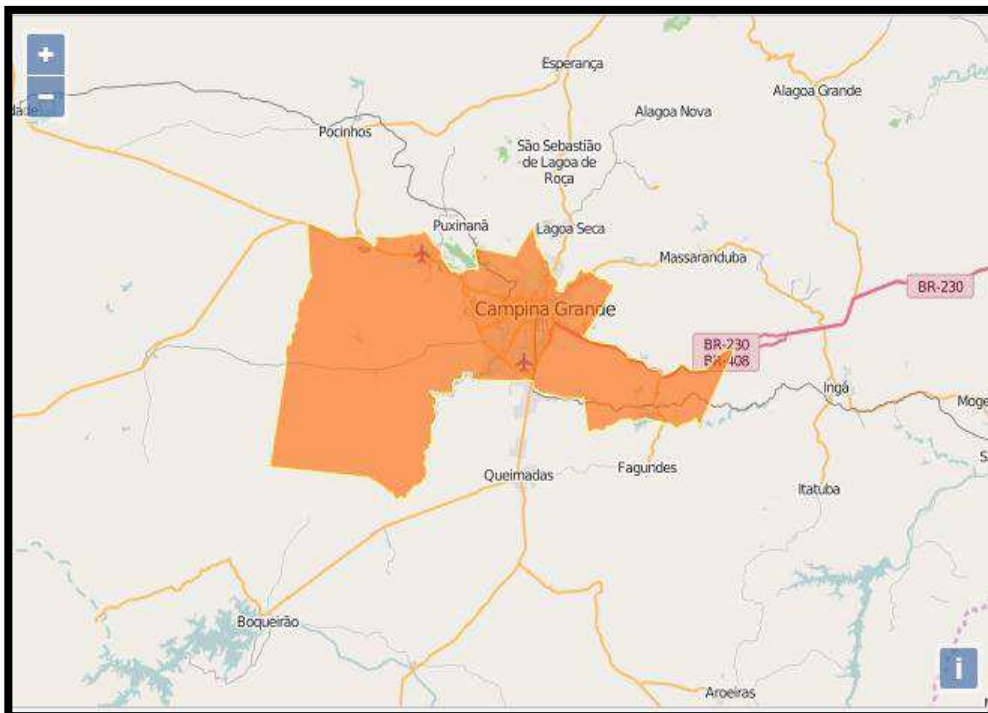


Figura 1: Mapa de Campina Grande e as cidades circunvizinhas. Fonte: IBGE. Acesso em: 23 de março de 2016.



Fotografia 4: Centro de Campina Grande. A fotografia foi tirada de um prédio localizado na rua Maciel Pinheiro no centro da cidade – Fotografia: Mércia Lima

Sabendo que os elementos do hip hop em seu processo de legitimação não se organizavam sincronicamente. O que se percebe é que, de acordo com a pesquisa bibliográfica feita até o momento, o grafite pode ser considerado um dos elementos que primeiro se destacou na cidade, até mesmo por ter uma maior visibilidade nos muros da cidade. Segundo a dissertação *Se essa rua fosse minha, eu mandava grafitar!!!"A construção discursiva do grafite de muro em Campina Grande – PB* de Angelina Maria Luna Duarte Tavares um dos primeiros grafiteiros de Campina Grande foi GORPO. De acordo com o relato do grafiteiro feito para a pesquisadora, os primeiros grafites na cidade datam do ano de 1998. Os outros elementos podiam já está surgindo na cidade, no entanto não tinham visibilidade assim como o grafite.

Devido essa notoriedade nos muros e paredes da cidade ele tem uma maior visibilidade. Vale salientar que essa notoriedade é por parte das pessoas que passam na rua, tendo em vista que o grafite é mais visível diante dos outros elementos do hip hop. Mas sabendo que o break, foi um dos primeiros elementos a surgir no Brasil, há uma possibilidade de ter seus primeiros adeptos na mesma época em que surgiu o grafite. No entanto, esses elementos do hip hop não eram realizados em uma mesma sincronia espacial e temporal. Com a eclosão do rap nos anos de 1990, segundo um dos participantes do movimento hip hop em Campina Grande em entrevista realizada para a *Revista Conceito* da Universidade Estadual da Paraíba, o rap também chega nessa mesma época na cidade.

Na mesma época o movimento chega a Campina Grande. Na Pirâmide do Parque do Povo, muitos jovens se reuniam para andar de skate e desses surgiram o interesse pelo basquete de rua e pelo rap. Mc Pleiade foi um dos primeiros a fazer rap abordando a realidade regional. (Revista Conceito, p.50)

No ano de 2003 surge o primeiro grupo de jovens a ganhar visibilidade dentro da Paraíba, foi o Projeto Binário que segundo Dj Joh 189, o nome faz referência as placas de computadores, softwares e programas de músicas, por isso o nome Projeto Binário. A ideia era fazer rap de forma simples, mas que falasse da realidade em que esses jovens viviam.

Mesmo já tendo alguns rappers na cidade, mas não havia uma organização. No ano de 2007 se consolida na cidade o Núcleo Hip-Hop Campina (NH2C). Isso vai fazer com que o movimento se torne institucionalizado, fazendo com que ganhe novos olhares dentro na localidade. De acordo com Arruda (2012), a organização do NH2C faz parecer que houve dois momentos do movimento hip hop de Campina Grande,

sendo uma anterior a 2007 e outro posterior. A criação do NH2C tinha como principal objetivo reunir militantes do movimento hip hop que até então estavam realizando as práticas culturais de forma isolada e sem certa consciência política sobre a essência do que seria de fato o hip hop. (ARRUDA, 2012, p. 98).

Outro fato marcante que faz com que o movimento ganhe maior destaque foi o I Encontro de Rap e Repente promovido pelo Governo do Estado no ano de 2007¹².

A organização do movimento através do NH2C torna o movimento visto de fora como uma representação grupal. O sentimento de pertencimento ao hip hop parte de uma construção grupal. Com a institucionalização do movimento, mesmo havendo divergências entre os membros eles se identificam com o movimento através do NH2C.

Ao entrevistar um dos integrantes do NH2C, perguntei quantas mulheres participam do NH2C no ano de 2007 e ele me falou que na época apenas duas meninas frequentavam, mas o tempo foi passando e elas saíram. Segundo ele, uma delas nem mora mais na cidade.

Após fazer essa linha cronológica do surgimento do hip hop até sua chegada à cidade de Campina Grande, é necessário situar os atores sociais que compõem a cena hip hop da cidade. Levando em consideração como a mulher este inserida nesse movimento. Para isso é necessário entender que se trabalhar com juventude implica em trabalhar com o conceito no plural, levando em consideração que o trabalho faz um recorte de gênero partindo do conceito de juventude. Assim como argumenta Bittencourt (2011),

Grande parte das pesquisas que foram feitas no Brasil, principalmente no campo da Sociologia da Juventude, que possuem como foco de investigação esses agrupamentos juvenis, não levam em consideração o fato de que existem formas particulares de experimentar a instituição grupo. Percebo uma certa limitação nesses trabalhos, principalmente por não levarem em consideração o fato de que conceitos como juventude, jovem e grupo devem ser pensados numa perspectiva relacional. (BITTENCOURT, 2011,p.0)

Pensando nessa problematização sobre as abordagens de juventude, escolhi optar pelo conceito de *circuitos* proposto por Magnani (2007), pois levo em consideração os lugares que essas mulheres do hip hop de Campina Grande marcam

¹² O "Rap e Repente" foi realizado pelo governo do Estado em parceria com o MINC. O evento contou com a presença de grandes nomes da cena cultural como o ministro da cultura Gilberto Gil, Nelson Triunfo, Nino Brow, Emicida, Gog, entre outros grupos de renome nacional. (ARRUDA, 2012, p. 85)

uma presença considerável. Sendo de grande relevância para análise a classe social, raça e gênero e juventude¹³.

A cultura juvenil seria uma extensão da cultura de massa em que os jovens se sentem mais integrados, não tendo tantas obrigações. Pais (1993) argumenta que os meios de comunicação prendem a atenção dos jovens. Com todo esse avanço tecnológico, podemos ver que as possibilidades de interação dos jovens com outros grupos juvenis aumentam a cada dia. Possibilitando que eles se aproximem de outros jovens que também têm interesses em comum, formando os grupos alternativos.

As formas como esses jovens se agrupam fazem com que sua identidade se fortaleça, e conseqüentemente fortaleçam a identidade grupal. No entanto, a forma como esses jovens se articulam é caracterizado pelo “mundo dos adultos” como o tempo inútil, falta do que fazer. É justamente nesse tempo que se constroem as sociabilidades e onde são geradas formas de lazer. Surgem nesse contexto os grupos alternativos que em seu principio eram controladas pelos adultos (grupos de escoteiros, bandeirante); agências de organização políticas e religiosas (juventudes nazistas, comunistas, fascistas) e grupos de jovens espontâneos. Para que um jovem possa entrar nesses grupos espontâneos é necessário que tenha uma aprovação dos outros membros do grupo. (EISENSTADT *apud* GROPPPO, 2000).

A categoria juvenil pensada como uma construção social está sujeita a mudanças ao longo do tempo, portanto encaixar a categoria juvenil em uma determinada fase da vida é um equívoco sociológico e antropológico, essa é uma discussão que deve ir mais além, pois são representações criadas por grupos sociais e pelos próprios indivíduos.

A juventude não é socialmente homogênea, ela aparece socialmente diversificada, ora aparece como um conjunto homogêneo quando é comparada com outras gerações e heterogênea quando é examinada do ponto de vista dos atributos sociais que a diferem os jovens uns dos outros.

Não existe um conceito único que possa abranger os campos semânticos que são associados à juventude, existem diferentes maneiras de olhá-la, ou seja, diferentes teorias. Essas teorias podem ser divididas em duas principais correntes: a geracional e a classista. A corrente geracional que tem a noção de juventude referida a uma determinada fase da vida, baseando-se nas teorias da socialização desenvolvida no

¹³ No segundo capítulo farei uma melhor abordagem dos circuitos feitos pelas mulheres que estão inseridas no hip hop de Campina Grande.

funcionalismo e nas teorias das gerações. Para a corrente classista a reprodução social é fundamentalmente vista em termos da reprodução de classes sociais, a transição dos jovens para a idade adulta estaria pautada por mecanismos de reprodução classista. Por outro lado, as culturas juvenis seriam sempre soluções de classe.

Pensando nessa problematização sobre as abordagens de juventude, escolhi optar pelo conceito de circuitos proposto por Magnani (2007), pois levo em consideração os lugares que essas mulheres do hip hop de Campina Grande marcam uma presença considerável. Levando-se em consideração a classe social, raça e gênero e juventude, pois a juventude ela é social e culturalmente construída.

Partindo do conceito de *circuito*, o que percebi através da pesquisa de campo e das entrevistas realizadas com os interlocutores é que o centro da cidade oferece para os praticantes do hip hop uma maior visibilidade. De acordo com o grafiteiro Erva Doce,

Então, geralmente nosso alvo eram os prédios do centro pra ter visibilidade tanto do pessoal que passa de ônibus como também dos pichadores, dos outros grupos que... Digamos rivais. E... Aí pronto! (Erva Doce)

1.4. Disputa entre ritmos

Campina Grande (Rimael)

Esse som é cara
É a cara! São João do Parque do Povo.
Arrasta pé geral, né.

Eu canto rap não tenho culpa, eu tô na luta
Divulgando meu trabalho e minha conduta.
Pra quem me escuta
Campina Grande é como nunca
Sou apenas um moleque com mente adulta. (bis)

Eu tô na luta (...) macaco velho
Da praça situada ao Açude Velho
O que eu quero: é a galera toda unida
Fazendo street noturno pelas avenida
Campina Grande cidade de festa de palha de coco, festividade
Campina Grande Cultura, nossa fortuna
Cidade do maior forró,
Cultura madura
Tantos bilhões, populações, desigualdades
Paraíba não é diferente, essa é a verdade
Necessidade, muitas famílias passam fome
Enquanto o sistema quer honra só o seu nome
Um mês inteiro de festa, trabalha o noite todinha

Duas crianças pra alimentar, por isso a tua rinha
 Sem oportunidade, pouca opção
 Quintal da minha casa é cacareco e papelão
 Na sala só latinha com quatro fiação
 Vendendo o bolo todo dá pra comprar o feijão

(Refrão)

Campina Grande, PB, nordeste. Localizou?
 Então chega, caba da peste
 Aqui é agreste, aqui é quente
 Cheio de cultura e tradição da nossa gente
 E toma aguardente, fala com sotaque pesado
 Dança um forró pé de serra e acha arretado
 Acha nossa fala feia, sai daí mané
 Porque não falamos chiando, é o fresco, é??
 A gente fala arretado, amuado, tu viu?
 Não viajamos pra fora e voltamos falando tchio
 Não é nada contar a fala de ninguém
 Temos que valorizar nossa cultura também
 Sangue deu nordeste
 Então passou no teste
 É mês de junho, menino
 Tá cheio de muié
 Pra dançar arrasta pé
 Perto do Açude Novo
 São João no Parque do Povo
 Se não bebe não embaça
 Gelada ou cachaça
 Usa chapéu de palha, nossa quadrilha não falha
 Vai chover! É mentira, mas não tem problema
 Se chega mais, vem pra o topo da serra da Borborema

Paraíba ninguém, Shaolin, Biliu de Campina,
 Jackson do Pandeiro, Marcelinho Paraíba,
 Zé ramalho, Elba Ramalho são artistas de primeira
 Sergio Lopes, Magnificos, nossa Cabroeira.

O rap citado foi cantado e gravado em uma apresentação do projeto Ação Hip hop Campina. Esse projeto que aconteceu no dia 27 de agosto de 2011 no centro de Cultura e Universitário de Cultura e Arte (CUCA) localizado nas proximidades do Açude Velho.

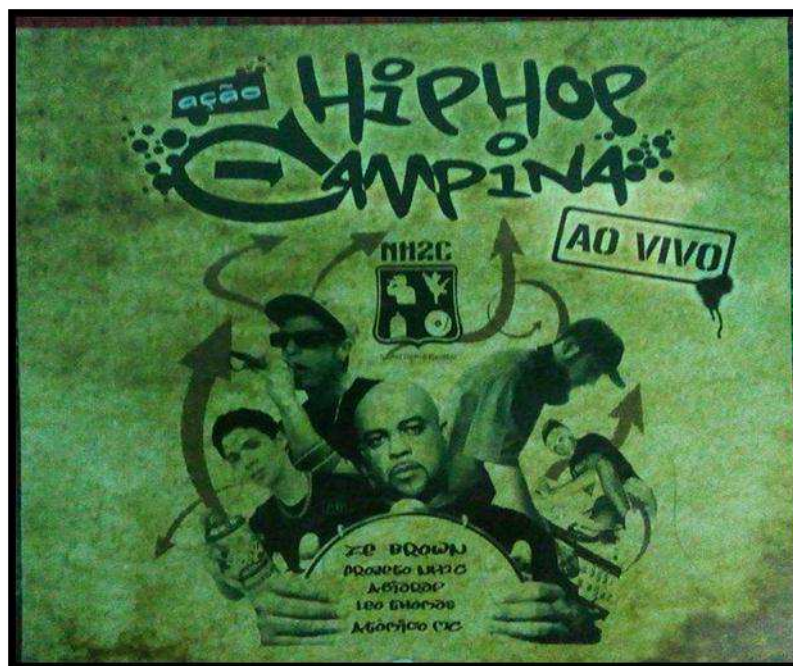


Figura 2: Capa do Cd do Projeto Ação Campina. Gravação aconteceu no dia 27 de Agosto de 2011 no Centro Universitário de Cultura e Arte. (CUCA)

É inegável o grande protagonismo que o forró tem na cidade de Campina Grande. A cidade é reconhecida nacionalmente por sediar a festa mais popular do nordeste, os festejos juninos. O “Maior São João do Mundo” acontece durante todo o mês de junho. Durante esse período a cidade recebe turistas de diferentes partes do país. O que se percebe é que a cidade por carregar essa fama de sediar uma festa de grande porte, tem o forró como um grande protagonista dentro dos eventos culturais. Isso é inegável, mesmo tendo outros estilos musicais que podem se destacar, o forró ainda mantém esse protagonismo.

No nordeste o forró é o ritmo musical mais reconhecido, em Campina Grande isso se torna de grande relevância, pois ter a fama de sediar um evento de grande porte como o São João, o forró torna-se protagonista nesse cenário. É muito comum acontecer durante o ano eventos que levam multidões. Alguns desses eventos são realizados no Parque do Povo¹⁴ e em casas de show.

¹⁴ Espaço onde acontecem os principais festejos do Maior São João do Mundo em Campina Grande.



Fotografia 5 ..Grafito feito coletivamente pelos grafiteiros Magoh, Fake e Erva Doce no Centro de Humanidades da UFCG. Fotografia: Mércia Lima

Em um dos relatos do rapper Rimaél, ele diz que tem um projeto de fazer uma parceria com o forró e que, segundo ele, isso seria muito bom, pois é um morador de Campina Grande e isso lhe daria uma maior visibilidade dentro do cenário artístico-musical. No entanto em outra conversa que tive com o rapper, ele diz que “ser rapper é muito difícil aqui, mas através do NH2C nós lutamos para mostrar daqui alguns anos que a gente quem começou com o hip hop aqui na cidade”. O rapper ressaltou que esse problema se dá devido a grande valorização que o forró tem, sendo os outros ritmos não muito visto pelo poder público. Na letra do rap citado, vemos que existe uma crítica entre a grande valorização do São João enquanto a cidade passa por problemas que são abandonados pelo poder público, mostrando assim para os turistas que frequentam a cidade durante o mês de junho um cenário que não é visto durante os demais meses do ano. O rap, nesse sentido, mostra a realidade da periferia.

É comum entre alguns rappers fazer parcerias com outros estilos musicais, com a MPB, o funk entre outros estilos. Na grande mídia isso tem uma aceitação maior.

Em entrevista a um Dj ele relatou que junto com alguns rappers foi convidado para se apresentarem no Festival de Inverno da cidade, no entanto as letras dos raps que eles iam cantar passaram por uma avaliação pelos organizadores do evento.

O hip hop em seu processo de legitimação passou ia ainda passa por lutas para um espaço dentro dos grandes meios de comunicação. No entanto alguns hip hoppers recebem críticas por estar dentro do espaço da grande mídia. Alguns relatam que isso não é bom para o movimento hip hop, pois há uma manipulação de como eles são representados.

No início do mês de agosto de 2015 a campanha de volta às aulas da Rede Globo trouxe os elementos do hip hop como forma de chamar a atenção dos jovens para volta às aulas, o vídeo tinha em torno de 30 segundos em que apareciam alguns jovens dançando break, grafitando ao som de um rap. O hip hop tem sido alvo dos meios de comunicação como uma forma de atrair o público jovem, atraindo assim para o consumismo.

No próximo capítulo farei uma análise de como a mulher está inserida dentro do hip hop de Campina Grande. Para tal análise é necessário fazermos uma abordagem teórica de gênero.

2. CAPÍTULO II. Participação da mulher no hip hop de Campina Grande - PB

O presente capítulo tem como objetivo fazer uma análise da participação feminina no hip hop de Campina Grande, levando em consideração as diferentes visões que essas mulheres têm sobre o hip hop da cidade e como se dá sua inserção dentro de uma cultura juvenil.

2.1. Construção da identidade feminina dentro do hip hop

Falar de uma data fixa para o início da participação da mulher no hip hop não seria o ponto de início para demarcar a presença feminina dentro do hip hop, tanto em nível global quanto local. Através de pesquisas bibliográficas, análise de vídeos e depoimentos o que se percebe é que sempre existiu a presença de mulheres dentro do hip hop, no entanto essa mulher não teve tanta visibilidade assim como o homem dentro de movimentos juvenis como o hip hop.

O papel da mulher dentro do movimento hip hop deve ser analisado histórica e contextualmente. Tendo em vista que a sociedade em que vivemos segue um modelo patriarcal que tem suas constantes mudanças. Através dessa análise podemos perceber que o hip hop está em constantes transformações, incorporando elementos regionais. De acordo com alguns hip hopper, o melhor hip hop é aquele que fala de sua realidade, nesse sentido o principal objetivo do hip hop é falar do contexto social em que os seus integrantes vivem. Durante as entrevistas e as observações com os rappers locais e análises das letras de alguns rap's a nível nacional, o que se identifica é que eles não reproduzem letras de outros artistas. Cada um só canta aquilo que é de sua autoria. Dentro do *locus* de pesquisa não foi identificado nenhum rap feito por uma mulher da cidade.

Partindo de uma análise histórica sobre a participação da mulher no hip hop, é interessante notar que ela sempre se fez presente. Em um vídeo no Youtub KRS-ONE, um dos fundadores do hip hop, diz que o movimento, politicamente, começou com homens negros e com atitude de homens negros. Ele cita o caso de Koll Herc, também considerado o pai da cultura hip hop que abandonou o grafite e foi ser Dj na festa de aniversário da irmã. Ele continua sua fala dizendo que as mulheres são o propósito do

hip hop. Segundo ele, por trás de todos os grandes hip hoppers tem uma mulher. Ele cita durante a entrevista algumas mulheres que eram companheiras de grandes clássicos do hip hop mundial. Outro ponto destacado na entrevista é que os primeiros discos de rap foram lançados por uma gravadora que tinha uma mulher negra no comando. Ele também destaca que grande parte dos hip hoppers foram criados por mulheres solteiras sem um pai por perto. KRS-ONE finaliza dizendo que o hip hop é feminino de várias formas e que exalta as mulheres.

O que se nota na fala do KRS-ONE é que ele apenas afirma o “verdadeiro” lugar que a mulher teve no início do movimento, ela está sempre nos bastidores. Muitas das mulheres que ele cita durante a entrevista não são reconhecidas e são citadas sempre como tendo como referência um homem.

Dentro da análise a nível nacional através da dissertação de Mariana Semião Lima, intitulada *Rap de batom: família, educação e gênero no universo rap*. A autora faz uma abordagem sobre o surgimento da mulher no hip hop do Brasil. Segundo Semião, quando os rappers de São Paulo se reuniam para dançar break na Estação São Bento, por falta de dinheiro para comprar equipamentos de som, esses b. boys faziam o improviso do som batendo latas de lixo. Naquela época já tinha uma presença de uma mulher entre eles, a Sharylaine, considerada uma das mulheres pioneiras dentro do hip hop. (Lima, 2014, p.21). Sharylaine é uma das primeiras mulheres a ganhar visibilidade dentro do hip hop brasileiro.

Na pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) percebi na Paraíba a participação feminina no hip hop vai seguir o mesmo padrão. As mulheres conhecem o movimento, na maioria das vezes através de seus companheiros, irmãos e amigos. Em muitos casos, até por participarem de outras manifestações artístico-culturais. Vão sendo inseridas dentro do movimento hip hop e incorporando outros elementos regionais. (LIMA, 2014). Em Campina Grande isso também é identificado.

Apesar de muitos hip hoppers afirmarem dentro do movimento não existe machismo ou dizer que é apenas um reflexo do que acontece dentro da sociedade de forma geral, muitas mulheres que usam o hip hop com instrumento de reivindicação feminina, elas afirmam esse machismo existente dentro do movimento.



Figura 3: *Post* do Facebook em modo público de uma rapper paraibana.

Através do *post* podemos perceber que esse machismo tende a ser ocultado pelas vozes masculinas do movimento. Como citado anteriormente pelo rapper Mano Brown, o rap é o retrato do Brasil, que é machista. O que se percebe através desse argumento é uma generalização desse machismo em todos os segmentos da sociedade.

Em meu trabalho da graduação fiz uma abordagem dessa mulher dentro do hip hop e de como estar sendo cada vez mais comum o surgimento de grupos de mulheres que lutam pelos seus direitos através das artes proporcionada pelo hip hop. De acordo com a entrevista realizada com Kalyne Lima da banda Afro-Nordestinas, não foi fácil entrar no mundo do hip hop. Kalyne ressalta a forma como ela tinha que se vestir para que pudesse ganhar um espaço dentro do movimento.

Quem resgatou a minha feminilidade no rap foi a Juliana quando ela chegou no Realidade Crua porque por eu ser essa pessoa é... que eu fui a minha vida toda, eu priorizava muito mais as realizações do que as condições de realização. Então eu me propunha a tudo. Eu não necessariamente tinha que me maquiar para subir no palco, aliás eu não me maquiava para subir no palco, já para não ter uma distinção assim, pra ninguém discriminar, porque isso era observado. Cantar de saia? Jamais. Quando a Juliana veio para o Realidade Crua, ela veio feminina, e ela foi aceita por todos os meninos, e eu? Como assim? Mas também faz parte da minha personalidade de ser menos vaidosa. (...) Aí quando a Juliana chegou, a Juliana linda, uma beleza de menina assim, cheio de coisas e tudo mais. Muito estilosa, bonita, enfim. Aí eu comecei a dizer: não velho, eu quero ajuda, né. Como

é que eu ia combinar com os meninos, qual era a roupa que eles iam, tá ligada?!. Aí foi quando eu comecei a enxergar assim, poxa velho é muito mais legal ser mulher feminina, né? Porque assim, era comum para mim alguém achar que eu era lésbica, por exemplo. Era muito comum isso. (...) pela postura mesmo, por andar só com meninos, falar de igual para igual, entendesse? (Kalyne Lima)

Com o passar do tempo, ela foi incorporando elementos tidos como femininos em suas apresentações, não só nas vestimentas, como também nos rap's de um Cd em que as letras são voltadas para a temática feminina. O que se pode concluir através do relato de Kalyne é que ela foi levada a se reconstruir como mulher. Quando era integrante dos grupos formados em sua maioria por homens, as vestimentas tinha que ser de acordo com os meninos para que houvesse uma aceitação dela dentro do grupo. Essas características femininas foram sendo refletidas na performance em seus shows e também nos rap's do grupo Afronordestinas .

Mulher - Afro-nordestinas

Passa uma maquiagem
 Veste uma roupa nova
 Levanta a cabeça e esquece dessa história
 De que não tem valor
 E nem tem competência
 Depende de você não viver de aparência
 Sei que é difícil se manter SEMPRE FIRME
 Mas a ideia é superar OS LIMITES
 Quem acredita bota fé E SEMPRE INSISTE
 Enfrenta as dificuldades E NUNCA DESISTE
 Quem luta não se entrega
 Como dizia o melodia
 Retratando as dificuldades da periferia
 Então se você sente no seu coração
 Algo parecido com uma inquietação
 Deve ser porque você tem uma missão
 Então tente se manter na disposição
 Tripla jornada Cuidar da família
 Se capacitar e estar sempre bonita
 41

Estudando, trabalhando, se formando, articulando, processando
 Ultrapassando, estimulando, falando, amando, se superando, engravidando
 Questionando, amamentando, influenciando, apaziguando e menstruando
 Modificando, informando, formando, educando, se impondo
 MULHER, É SER ASSIM MAS QUE MULHER É SER ASSIM
 Eu sei que ser assim
 É o que eu sempre quis
 Ter liberdade a mente voa, vivi numa boa
 Compromisso que assumi por mim, pra mim
 Eu vou lutar pra ser feliz

Não importa quantas vezes vou recomeçar
 Se preciso for, vou encarar
 Cabeça erguida, como as mulheres da minha família
 Tendo garra, energia, atitude e disciplina
 A minha rima na ponta da língua
 Caneta traça no papel a minha alforria
 De pensamento De comportamento
 De autovalorização e reconhecimento
 E eu levo tempo e o tempo aqui me leva
 To cuidando com cautela da minha sequela
 Postura que me firma
 Na rima nordestina
 Buscando alternativa
 Conheço quem me guia
 Corro no dia a dia
 Mantenho a disciplina
 Eu sinto a energia
 Na hora da grafia
 Pra mostrar que você não esta só, tem voz
 O poder maior de transformação tem voz

 Pra você reconhecer o seu valor tem voz
 Pra colar nessa ideia positiva, voz
 MULHER,É SER ASSIM, MAS QUE MULHER É SER ASSIM

Podemos perceber no rap da Afronordestinas a valorização da mulher dentro do mundo atual e uma forma de alertá-la para uma autovalorização. Isso tem sido cada vez mais comum nos grupos de hip hop em que tem sua formação feita por mulheres.

No ano de 2011 foi criada Frente Nacional de Mulheres no Hip Hop durante o II Fórum de Mulheres no Hip Hop. O principal objetivo de FNMH2 é de através do hip hop promover um debate sobre as lutas feminista, assim como oficinas para que mais e mais mulheres possam aprender sobre o hip hop.

É interessante que muitas dessas mulheres são levadas a conhecer o movimento através de um homem. No *locus* de pesquisa isso fica nítido, essas marcas da entrada da mulher no hip hop. Em entrevista com um b. girl ela disse que começou a dançar break devido ao seu irmão que frequentava um grupo de danças urbanas na cidade, atualmente ela tem um reconhecimento na cidade e seu irmão não é mais um b. boy. O primeiro grupo que b. girl começou a dançar era mesclado onde participavam homens e mulheres. Marquei a entrevista com uma b. girl no Parque da Criança, no final da tarde de um sábado. O local escolhido pela b. girl foi estratégico, pois como ela mesmo ressaltou durante a conversa, o parque pode ser considerado o berço do hip hop de Campina Grande. Hoje ela tem um maior reconhecimento dentro da cidade por participar de eventos fora da cidade, mas como ela ressalta durante a entrevista, nem

sempre foi assim, aconteceu de ter alguns problemas com os familiares por conta da dança.

Em outra entrevista realizada com uma das fundadoras do grupo Let's Go, ela diz que começou a dançar na escola. Hianne destaca na entrevista que ela quem levou seu irmão para o mundo da dança. Segundo Hianne, sua mãe saía para trabalhar e seus irmãos não podiam ficar sozinhos em casa, a solução era levá-los para os ensaios. Na entrevista ela relata como se deu sua entrada no hip hop, especificamente na dança urbana:

Hianne: Eu tô desde a fundação do grupo, no caso eu e outra pessoa. Fundamos o grupo em 2008 no estadual da Prata. Inicialmente o grupo foi formado para participar de um festival que tinha na cidade, chamado festival colegial, que era muito bom. Esse festival abrangia teatro, música e dança das escolas particulares, municipais e estaduais. Inicialmente o grupo não tinha nome, a gente só queria participar, na verdade dá continuidade ao grupo do estadual da Prata.

Pesquisadora: Era formado por meninas e meninos?

Hianne: Não, só tinha meninas. Aí a gente deu continuidade e continuou só com meninas. No início era 12 meninas, 12 mulheres. E... depois de quase um ano que a gente tava como o grupo formado que participou do festival, ficamos no 3^a lugar, ganhamos... é foi. Ganhamos melhor trilha sonora e uma das integrantes ganhou como melhor dançarina. Assim... foi uma estreia meio que ninguém esperava, aí dali por diante a gente começou a participar de festivais nas escola, interno mesmo da escola. E muita gente que nos via na escola, começou a entrar em contato pra gente começar a fazer apresentações fora. Aí a gente foi fazer apresentações fora, no shopping, no Luíza Mota e a gente não tinha um nome, a gente foi buscar um nome, pesquisou e a maioria das músicas que a gente dançava na época tinha Let's Go. Eu até zuei: "Vamos colocar Let's? Bora que é pra ficar um negócio mais nordestino com inglês, com americano, aí! Deixa Let's Go, Let's Go e Let's Go ficou. É ... 2008, aí no finalzinho de 2009 foi quando a gente... (Hianne)

O grupo já passou por algumas formações desde seu surgimento, atualmente é formado por homens e mulheres. Mas o que se percebe é que a grande liderança do grupo é uma mulher. No dia que fiz a entrevista com eles, Hianne fez uma sequência de quem ia falar durante a entrevista, demonstrando seu papel de líder dentro do grupo.

É necessário pensarmos as diferentes formas que levaram essas meninas para o hip hop. Cabe também analisar como elas desempenham seus papéis enquanto

mulher, após a entrada no hip hop. A presença feminina é muito restrita quando comparado ao número de homens que tem um engajamento maior dentro do hip hop.



Fotografia 6. Roda improvisada de break durante o 3ª Ocupa Açude. São 16 pessoas na roda, 3 mulheres e 13 homens. Fotografia: Mércia Lima

As mulheres que têm uma participação direta dentro do hip hop são brancas, moram em bairros da cidade que têm uma maior aceitação por parte da sociedade e tiveram ou têm acesso ao curso universitário. As mulheres que estão envolvidas de forma indireta não têm esse mesmo perfil. São moradores dos bairros marginalizados na cidade e não tiveram acesso a um curso universitário.

O hip hop vem sendo cada vez mais estudado dentro da academia, e também ganhando uma grande popularidade entre os jovens. O hip hop foi tema por dois anos (2014 e 2015), consecutivos do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, pois o ENEM tem como objetivo colocar temas atuais em suas questões. Isso mostra o quanto o hip hop é um tema de grande relevância para se entender juventude. No entanto, o que se percebe é que a abordagem feita por alguns trabalhos, sobretudo na antropologia e na sociologia, não tem como principal foco os papéis que as mulheres desempenham dentro do hip hop.

São muito comuns estudos que tem como principal foco a juventude, ter uma abordagem generalizada sobre o conceito de juventude, não havendo uma análise de gênero e de como é ser mulher dentro de uma cultura juvenil. Weller (2006) aponta que alguns estudos consideram que manifestações juvenis como o hip hop é

conceituado como uma subcultura, seria uma cultura alternativa. Fazendo uma comparação com o capital cultural onde existe uma aquisição de obras e acúmulo de livros, no capital subcultural podemos ver esse acúmulo como a aquisição de CDs, estilos de se vestir. (WELLER *apud* THORTON). Weller segue argumentando que esse conceito de subcultura também recebe críticas, pois sugere que existe uma cultura superior e que o conceito de cultura juvenil ou culturas juvenis seria o mais apropriado, levando em consideração os modos e estilos de vida que vem sendo criado e recriado dependendo da localidade e contexto social.

Trazendo esse debate para o hip hop de Campina Grande, é necessário fazer essa contextualização de como o hip hop incorpora elementos regionais. Em se tratando da presença feminina dentro do hip hop, é necessário uma análise de como a mulher se insere dentro da cidade. Por ser uma cidade que mesmo tendo características da modernização, mas mantém costumes tidos como tradicionais. Nesse sentido a rua, ou certos lugares que são “proibidos para as mulheres”, faz com que elas não tenham a mesma igualdade que os homens para frequentar tais lugares.

Acredito que a presença da mulher é também ocultada no âmbito das pesquisas acadêmicas. A ausência de uma análise de mulheres em culturais juvenis poderia ser a falta de mulheres como pesquisadoras, pois nem sempre o pesquisador pode ter a oportunidade de conseguir acompanhar alguns fenômenos sociais em que a mulher é protagonista.

Para Weller,

A invisibilidade feminina de estudos sobre a participação feminina nas culturas juvenis no campo de estudos sobre a juventude não estaria associada a essa noção de cultura juvenil como forma de protesto e resistência, ou seja, a essa concepção utilitarista de ação. Quando vistas de forma superficial e estereotipada, algumas culturas juvenis femininas parecem não demonstrar uma atitude de protesto ou resistência as desigualdades étnicas e de classe. (WELLER, 2006, p.111)

Uma dos argumentos apontados por Weller (2006) é de que a falta de mulheres fazendo pesquisas sobre mulheres a tornaram invisíveis nos estudos sobre juventude. Essa inquietação surgiu em mim desde a graduação, pois queria entender se realmente, essa ausência de pesquisas está relacionada com quem se propõe a realizar a pesquisa.

O corpo da antropóloga, fala muito quando se está em campo. Ao surgir um evento, sempre me perguntava com que tipo de roupa eu iria, como as pessoas iam me ver. Buscava saber como era a dinâmica do lugar que iria acontecer o evento. Nos shows de rap que aconteceram no bairro do Pedregal, tentei me vestir de forma que não chamasse atenção, calça jeans, camiseta, uma sandália simples. Em outros eventos que ocorreram no Parque da Criança, Teatro Municipal como sabia que teria um público que se vestia de uma forma mais “descolada” tentei me adaptar aos seus estilos. No entanto, essa forma de se vestir “simples” ou “descolada” nem sempre fazia com que eu me tornasse apenas mais uma no público, era notório minha presença. Grande parte desses eventos que fui, houve um convite por um dos participantes.

Esses questionamentos sempre me faziam refletir sobre minha prática etnográfica, pois adentrar no mundo do “outro” é uma tarefa que diria um tanto desafiadora e que lhe proporciona momentos de descobertas não só desse “outro”, mas também do “eu”. Talvez seja esse um dos grandes objetivos da antropologia, descobertas para além do outro, principalmente quando se trata de estudar uma sociedade da qual se está inserida.

Trazendo a discursão sobre a participação de mulheres em culturais juvenis, em destaque o hip hop, o papel da mulher dentro do movimento é uma representação de como a mulher se insere na sociedade, de uma maneira geral. É um espaço de constante resistência e conquistas. Se para se consolidar no movimento como sendo jovem e negro, é um processo de luta, para a mulher é ainda mais complicado. Mesmo sabendo que a mulher esteve presente dentro do hip hop desde seus primórdios, porém de maneira indireta, atualmente novos grupos de mulheres estão se organizando cada vez mais. As reivindicações de raça e classe social são incorporadas às lutas feministas. Nesse sentido, a mulher tem que ser pensada dentro de uma análise histórica. Para Saffioti,

Gênero também diz respeito a uma categoria histórica, cuja investigação tem demandado muito investimento intelectual. Enquanto categoria histórica, gênero pode ser concebido em várias instâncias. (...) Cada feminista enfatiza determinado aspecto de gênero, havendo um campo, ainda que limitado, de consenso: o gênero é a construção social do feminino e do masculino. (SAFFIOTI, 2004, p.45)

Nesse sentido, cabe fazer uma análise de como essa mulher se torna visível dentro de uma cultura juvenil como o hip hop e de quais são os fatores socioculturais

responsáveis por essa construção. É necessário que haja um consenso não só histórico como também do contexto em que essa mulher está inserida, pois assim entenderemos quais são suas limitações para esse não protagonismo.

As primeiras idas à campo foram para mim momentos tensos, pois os conflitos da escolha do objeto de pesquisa começaram a surgir. Ser uma nova moradora na cidade, entre outros motivos me faziam refletir muito sobre a escolha do objeto de estudo. Não foi fácil encontrar mulheres que estão dentro do movimento.

Muitas das minhas dúvidas só foram tiradas e ainda permanecem com a pesquisa de campo. Acredito que a melhor maneira de tentar solucionar essas dúvidas que foram surgindo foi a escolha metodológica, pois acredito que a etnografia lhe proporciona experiências que talvez outra metodologia não causasse tanto impacto.

Com a pesquisa fui percebendo que existe um ocultamento de algumas mulheres que muitas vezes não se denominam do hip hop, mas de alguma forma estão engajadas com alguns dos elementos do hip hop. Algumas delas têm um reconhecimento dentro da cidade, são mais conhecidas. Ao falar da minha pesquisa para alguém, era muito comum as pessoas mencionarem duas meninas que tem um reconhecimento tanto dentro de Campina Grande como em cidades circunvizinhas. O que me fazia muitas vezes a ser questionada se realmente tinha mulheres do hip hop aqui em Campina Grande. Com o decorrer da pesquisa fui percebendo que existem outras meninas que também praticam as artes propostas pelo hip hop, no entanto não tem uma visibilidade.

Para que possamos pensar sobre esse reconhecimento e a construção da identidade trago o debate de Fraser (2007) onde a autora traz o debate sobre reconhecimento e redistribuição. Segundo Fraser, ambas tem que caminhar juntas. A distribuição pertence à moralidade enquanto o reconhecimento pertence à ética cultural. A autora argumenta que o reconhecimento está relacionado ao status social, enquanto a identidade aproxima-se muito de modelos repressivos de comunitarismo. “o que exige reconhecimento não é a identidade específica de um grupo, mas a condição dos membros do grupo como parceiros integrais na interação social” (FRASER, 2007, p. 107). A autora se opõe a dois autores Taylor e Honnet . Segundo esses autores citados por Fraser, o reconhecimento é uma questão de ética. Para Fraser o reconhecimento é uma questão de justiça.

O não reconhecimento, no modelo de status, ocorre quando as instituições impedem a paridade de participação. No hip hop, isso pode ser visto. Muitas mulheres

não têm um protagonismo no movimento devido essa falta de paridade. Desde seu surgimento, o hip hop não tem um reconhecimento diante dos grupos sociais dominantes. Isso fica ainda mais em evidência em se tratando da participação feminina, isso é ainda mais complicado. A rua é vista como um lugar onde o masculino desenvolve seu protagonismo.

Assim que surgem os primeiros movimentos feministas, por volta da década de 1970 não se tinha uma separação, sendo categorizado por dualismo: masculino x feminino; mulher x homem. Categorias essas que excluem a questão social, racial e também de geração. O que se deve problematizar é que dentro da igualdade da mulher em relação aos homens existem diferenças que devem ser respeitadas. Sylviane Agacinski em *Política dos Sexos* argumenta que:

A diferença, portanto, não é o contrário da igualdade, mas da identidade: duas coisas são idênticas ou diferentes mesmo, que um objeto possa ser idêntico e outro sob determinado ponto de vista. Desse modo, o homem e a mulher são diferentes por certos caracteres e semelhantes por outros. Quanto à igualdade, ela se opõe à desigualdade, e não à diferença. (...) a igualdade das pessoas significa atualmente a igualdade de seus direitos civis políticos, e não fato de que essas pessoas sejam idênticas umas às outras por sua natureza ou mesmo por sua condição. (AGACINSKI, 1999, p. 163.)

O que se deve destacar aqui através da citação acima é que a luta por uma igualdade de gênero também é uma luta pelo reconhecimento das diferenças dentro dessa igualdade. Dentro das igualdades surgem diversas identidades femininas. As identidades de grupo e de indivíduos são pontos a serem discutidas e que acabam sendo enigmáticas. As identidades devem ser pensadas como processos políticos e sociais (SCOTT, 2005). A identidade é acionada, dependendo das circunstâncias em que o sujeito se encontra.

Segundo Bourdieu (1999) em *A Dominação Masculina*, onde ele propõe que os corpos são construídos como realidade sexuada e totalizante. A ordem social impõe a dominação masculina, isso fica nítido na divisão sexual do trabalho. A estrutura social induz quais são as atividades masculinas e o que são as atividades femininas. Essas argumentações são baseadas, de acordo com o determinismo biológico. No entanto, por mais naturais que possam ser as características dos órgãos sexuais, há uma construção social e cultural sobre esses órgãos, são definidos “naturalmente” a custa de uma série de escolhas orientadas.

Sabendo que essas divisões de espaços e comportamentos que ditam o que é feito para homem e o que é feito para mulher desde a infância, onde as crianças são treinadas desde cedo a ter maneiras de agir, logo entendemos que isso vai ser influenciado em sua vida adulta, sendo os espaços públicos delimitados para a mulher.

Historicamente, o hip hop tem como principal característica ser uma cultura que surgiu nas ruas, especificamente nos guetos das grandes metrópoles, logo os espaços públicos estariam assim restritos para a mulher, não tendo um protagonismo em meio ao processo de legitimação do movimento hip hop.

A identidade feminina dentro de culturas-juvenis como o hip hop passa por mudanças constantes, não só pelo fato de ser mulher, como também por ser um movimento que coloca temas de atores sociais que vivem em uma condição de subordinação.

Em sua obra *Sexo e Temperamento* (2011), Margareth Mead mostra através do resultado de sua pesquisa com os Arapesh, Mundugumor e os Tchambuli que a cultura é responsável por moldar a personalidade do indivíduo. Através dos relatos desses povos, descrito por Mead, percebe-se como esses povos “primitivos” agrupam suas atitudes sociais em relação ao temperamento em torno dos fatos realmente evidentes das diferenças sociais. Mead põe em questão nessa obra como a padronização dos comportamentos sexuais é tida como naturalizados e que são meras variações do temperamento dos seres humanos.

Após a análise sobre gênero, mostro quais são os lugares que existe uma maior aceitação de mulheres, partindo do conceito de *circuitos*.

O papel da mulher dentro do movimento hip hop deve ser analisado histórica e contextualmente, tendo em vista que a sociedade em que vivemos segue um modelo patriarcal que tem suas constantes mudanças. No discurso de umas das b. girl, o que se nota é que sua entrada no hip hop se deu através da permissão do irmão que a levou. Em um dos shows de rap que aconteceu na cidade, pude observar a pouca quantidade de mulher que se encontrava no evento. A grande maioria do público era de homens e as mulheres que se encontravam estavam acompanhadas de um companheiro. Em outro momento do show um grupo de rap gospel, um dos raps cantados pelos M'cionários falava de amor. Antes de começar a cantar, Mordekay, rapper campinense, disse que aquele era o momento de falar para mulher que a ama. Observa-se que a fala é dirigida aos homens e nela a mulher aparece como atriz passiva, que deve escutar o que o homem tem a lhe dizer. O bar já estava com mais

gente e tinha chegado um grupo de meninas que caminhava por todos os lados, nesse momento elas foram para frente do palco e ficaram atentas, observando o que o rapper estava falando. O papel da mulher é aqui reforçado como aquela que sempre está pronta para esperar seu companheiro. Ela sempre está lá para aconselhar o companheiro nos momentos em que ele mais precisa, demonstrando assim que seu lugar está na esfera do privado, enquanto o homem é uma figura pública que tem a liberdade de transitar por vários espaços e depois ter o conforto nos braços de quem a espera.



Fotografia 7: Show de lançamento do clip Veneno do rapper Rimael. O show aconteceu no Bar do Carlão no bairro do Pedregal.

Nas idas aos shows de rap no bairro do Pedregal ia sempre com Mariana Cavalcanti, pois a mesma estava pesquisando o *circuito* de lazer dos jovens do bairro.

No dia do show mostrado na fotografia, saímos umas 17h30min para pegar o ônibus para o show de rap no bairro do Pedregal. Pegamos o ônibus da linha 555 que passa na rua principal do Pedregal, mas devido o equipamento de som que estava no meio da rua o ônibus não passou nela, descemos em uma rua paralela. Seguimos para a rua principal e já podíamos ouvir o som que estava tocando. A rua já estava com um grande número de pessoas, em sua maioria homens. O som que estava passando era uns rap's de artistas de nome nacionais, como Marcel D2, Racionais e também Bob Marley e Edson Gomes.

Mariana encontrou uma de suas interlocutoras e fomos para frente de um mercadinho que aglomerava algumas pessoas na frente. Ficamos lá por algum tempo. Estava me sentindo confortável no momento, o fato de já ter frequentado aquela rua quando morava nas proximidades da UFCG me passava certa segurança. Na frente do mercadinho a grande maioria era de meninos que estavam bebendo e fumando. Algumas meninas apareciam vez por outra, mas nada comparado com o número de homens que lá estavam.

Perguntei a Rimaél quem iria cantar e ele me falou que seria um Mc de São Paulo que estava no bairro, mas que ele tinha um estilo meio ostentação. Outro grupo de rap que ia se apresentar era Os Mc'onários.

Quando começou as apresentações por volta das 19h30min, a primeira atração foi o Mc de São Paulo o qual não recordo o nome, ele cantou alguns funks mais populares que estão fazendo sucesso na atualidade. Percebi que grande maioria do público se contagiou com o ritmo. As meninas que estavam nos acompanhando se empolgaram, dizendo que gostavam muito do que estava tocando. Isso era bem nítido. Uma delas falou que quando tem o Muvucão¹⁵, o número de pessoas é ainda maior e que aquela quantidade de gente nem chegava perto de quando acontece essa outra festa.

Os funks cantados pelo Mc de São Paulo eram todas de cunho sexual, ou seja, a imagem da mulher aparece como um símbolo de sexualidade. Mas o que pude perceber é que não só os meninos estavam apreciando as músicas, as meninas também. Uma delas disse:

Agora, sim. Essas músicas é que são boas, eu gosto de escutar música assim, baile de favela, essas coisas. Agora aquelas que tava tocando, gosto não.

Depois do Mc de São Paulo, a próxima atração o grupo MC'onários. O grupo tem uma proposta gospel de passar uma mensagem religiosa através do rapper. Quando eles estavam cantando percebi que muitos dos que estavam não curtiram muito o som.

¹⁵ Muvucão é o encontro de sons de carros e que muitos jovens se reúnem em uma determinada rua do bairro.



Fotografia 8: Show de Rap e Funk na Rua São Vicente no bairro do Pedregal.
Fotografia: Mariana Cavalcanti

O que pode ser destacado com esse relato de campo é que o rap não tem uma aceitação significativa dentro do bairro em que ocorreu o show. Nesse sentido cabe fazer uma distinção entre o funk e o rap. O rap tem como principal objetivo fazer uma denúncia da situação social em que os moradores da periferia vivem. Mesmo mostrando a mulher apenas como um objeto sexual nas letras nos funks que foram tocados no dia do show, era perceptível o quanto as mulheres se empolgavam com o que estava tocando. Através da dança com características mais sensuais.

A presença feminina foi observada em todos os eventos que tinham uma ligação com o hip hop, mas existem diferentes maneiras de como ela se representava nesses eventos.

Em outro show de rap que aconteceu no Teatro Severino Cabral, no projeto Quartas Acústicas que ocorre nas quartas-feiras e tem uma apresentação não muito longa, há uma diversidade de estilos musicais.

Cheguei às 19h50min, vi que ainda não tinha um público significativo para vê o show. Compramos o ingresso e a moça da bilheteria falou que não demoraria muito e poderíamos entrar. Sentamos em um sofá onde podia escutar que a passagem de som estava sendo reajustada.

Podia contar as pessoas que estavam presentes no teatro, era aproximadamente umas trinta pessoas contando com as que estavam na plateia e com as que estavam na organização da gravação do Cd.

Antes de iniciar o show o rapper agradeceu muito a participação de todos. Uma das frases de agradecimento era “máximo respeito para todos que vieram”, no mundo do hip hop é comum se falar “máximo respeito”, é uma forma de valorizar o outro, o que o outro faz. Não contei quantas músicas (rap) ele cantou, mas a apresentação teve em torno de uma hora. Os rap’s cantados por ele fazia referência ao lugar que ele mora (bairro, cidade e estado) e também figura da mãe.

Fazendo uma comparação com o show de rap do bairro do Pedregal, percebi que era um público menor, as vestes das pessoas se diferenciavam das vestes do público que foi ao show no Pedregal. Também percebi que se comportavam de outra maneira, estavam todos sentados, e quando o rapper pedia pra fazer barulho, tinha aplausos. A esposa do rapper estava dando um suporte quando faltava água.

Em outro evento em que esse mesmo rapper se apresentou, também percebi esse apoio que sua esposa lhe dava durante sua apresentação.

2.2. **Circuitos do hip hop em Campina Grande**

Durante a pesquisa pude perceber que existem determinados pontos que são escolhidos pelos jovens para a prática dos elementos do hip hop. O que se notou é que o centro da cidade é o melhor lugar para que esses jovens se encontrem. Existe uma aceitação por parte da sociedade onde esses jovens podem ou não frequentar, podendo ser configurado como um *circuito*.

Para Magnani *circuitos*

(...) trata-se de uma categoria que descreve o exercício de uma prática ou uma oferta de determinado serviço por meio de estabelecimentos, equipamentos e espaços que não mantêm entre si uma relação de contiguidade espacial, sendo reconhecido em seu conjunto pelos seus usuários habituais. A noção de circuito também designa um uso de espaços e de equipamentos urbanos – possibilitando, por conseguinte, o exercício da sociabilidade por meio de encontros, comunicação, manejo de códigos – porém de forma mais independente com relação ao espaço, sem se ater à contiguidade, como ocorre na mancha ou no pedaço. (MAGNANI, 2007, p. 21).

De acordo com o documentário *Hip Hop Campina Grande*, o Parque da Criança é considerado onde nasceu o hip hop da cidade. O espaço tem características de uma área onde se pratica o lazer, mas apesar de ser um lugar público existe uma segregação social. O ponto mais escolhido pelos jovens é o lugar que denominei de “coreto”, pois tem um piso que proporciona os melhores passos para a prática do break. No entanto é um espaço que tem como seus principais usuários o público masculino.

Poderíamos denominar esse espaço do Parque da Criança de pedaço. Categoria utilizada por Magnani:

Pedaço designa aquele espaço intermediário entre privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a funda no laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas imposta pela sociedade. (...) A qualquer momento, os membros de um pedaço podem eleger outro espaço como ponto de referência e lugar de encontro. (MAGNANI, 2008, p. 20)



Fotografia 9: Pista de skate do lado do coreto do Parque da Criança. Imagem extraída da Internet.

O que pode ser observado nesse contexto é a escolha desse espaço para a prática do break se dá devido, também, a falta de um espaço propício nos bairros que

esses jovens moram. Mesmo tendo outras atividades sendo realizada no local, existe um sentimento de pertencimento e de apropriação desse lugar. Em uma das observações feitas em um domingo quando estava sendo realizado um sarau poético, um grupo que estava na organização se apropriou do “coreto”, porém os b. boys não cederam o espaço totalmente. Ficaram aos arredores do local, fazendo seus ensaios até o momento em que o pessoal do sarau foi embora.

Em dezembro de 2015 ocorreu um campeonato de danças urbanas, o “Dance Now”. O evento aconteceu em um domingo à tarde no Parque da Criança. Cheguei ao Parque da Criança por volta das 15h30min. Ao chegar vi que já tinha uma aglomeração de pessoas que estavam no “coreto”. Já haviam ocorrido as primeiras batalhas¹⁶, já estavam sendo selecionados os participantes que concorreriam as 8ª de Final. O coreto foi cercado por uma fita, uma lona com estampas de xadrez foi colocada no chão para que as batalhas acontecessem nela. Logo percebi que nas danças como o break, popping e no locking não havia meninas competindo.

Talvez não fosse muita surpresa ver um número maior de meninos competindo em relação ao número de meninas, mas os competidores eram todos meninos. Havia duas meninas que estavam segurando um quadro que mostrava os competidores e suas colocações. Após as apresentações dos competidores das 8º de Final, houve apresentação de cada um dos jurados. O corpo de jurados era formado por duas mulheres e dois homens. Era uma divisão democrática nesse sentido, porém as competições não tinha uma igualdade de gênero.

¹⁶ Batalhas são as competições entre os b. boys e b.girl. As batalhas podem ser m duplas ou entre grupos.



Fotografia 10: Apresentação de Daniel David Manzúr integrante do Lets Go. Imagem extraída do Facebook.

O Parque da Criança é um espaço onde reúne os jovens que têm afinidade com o hip hop. Outros pontos na cidade também são lugares de encontro desses jovens, como o espaço do Açude Novo, Museu dos Três Padeiros , praças do centro da cidade e o Teatro Municipal. Esses espaços fazem parte do *circuito* dos jovens do hip hop da cidade.

O uso do espaço do teatro deve ser destacado, o grupo Let's Go, ensaia no Teatro Municipal, lugar que tem um grande privilégio dentro da cidade. Os ensaios sempre ocorrem duas vezes por semana nas segundas-feiras e sextas-feiras. Eles têm uma boa aceitação por parte da administração do teatro isso também lhes proporciona uma aceitação também dentro da cidade de uma forma geral.



Fotografia 11: Apresentação do primeiro espetáculo do grupo Let's Go no Teatro Municipal Severino Cabral . Imagem extraída do Facebook do Grupo Let's Go.

Os espaços frequentados pelas mulheres são bem significativos, nota-se que são espaços controlados pelos homens. O espaço que os b. boys usam para a prática do break é mais utilizado pelos homens. Sempre frequentando o Parque da Criança, era notório como a mulher não tem a mesma igualdade. Em alguns momentos da pesquisa, apenas fazia observações. Muitas vezes não me aproximei dos jovens que praticavam algum dos elementos do hip hop. O Parque da Criança era muito propício para essas observações. Segue relato de campo:

Peguei o ônibus próximo ao apartamento e fui para integração, de lá peguei um outro ônibus que parava próximo ao Parque da Criança. Desci e fui caminhando até o local que previa que estaria alguns grupos de hip hop no local, mas o que encontrei foi algumas crianças brincando, casais passeando, pessoas idosas conversando. Resolvi sentar em uma mesa e perguntei a uma senhora se estava acontecendo o “Domingo no Parque” ela disse que seria no domingo próximo. Confesso que a frustração veio em seguida, e de ficar me perguntando o que estava fazendo ali. Mesmo assim, resolvi sentar, ficar observando o que estava acontecendo. Tentava disfarçar um pouco para que minha presença silenciosa não incomodasse a senhora que estava sentada próximo a mim.

Dei umas voltinhas e vi que alguns garotos, se aproximaram do “coreto” e começaram a fazer aquecimento para depois trocarem alguns passos de break. O que me chamou atenção foi a presença de uma menina que provavelmente era namorada de um dos garotos que estavam lá. Ela observava os meninos, fez alguns aquecimentos, porém não foi dançar break, pelo menos até o tempo que estava presente. (Diário de Campo 05/042015)

Durante o processo da pesquisa não encontrei nenhuma rapper da cidade. Outro elemento do hip hop que não consegui encontrar foi uma Dj. Dentre os elementos do hip hop, o Dj é o mais restrito ao movimento. Na entrevista do Dj Joh 189 ele falou quando foi seu primeiro contato com a *pick up*

Foi nos anos 90, com certeza, show do Pavilhão Nove. Foi a primeira vez que eu tive a oportunidade de ver um toca-discos de perto, não cheguei nem a tocar, meu sonho era pelo menos tocar em um. Fiquei muito perto do palco, olhando a onda do Dj, mas mesmo assim não sabia como tocar. Aí quando fui pra fora, tive a oportunidade de comprar um equipamento que era muito caro, né. Hoje em dia qualquer toca-discos é quase três mil ou mais. Por isso que é um dos elementos do hip hop que você vê menos pessoa aderindo porque o custo dele é difícil. (DJ Joh 189)

Diferentes dos outros elementos em que não se exige um investimento muito caro, ser Dj no hip hop tornar-se complicado por conta de um capital financeiro que é necessário . Acredito que para a mulher isso pode ser ainda mais dificultado.

No decorrer da pesquisa o grafite foi um dos elementos que pude ter uma maior percepção e de como ele ganha uma maior notoriedade nos muros da cidade. No próximo capítulo farei uma abordagem acerca desse elemento e de como a mulher é representada.

3. CAPÍTULO III – Representação da mulher dentro do grafite e da pichação

O capítulo que segue faz uma análise da mulher dentro do grafite e da pichação, como ela é representada e quais são os atores sociais que se apropriam desse elemento do hip hop para tal representação feminina.

3.1. Entrada e percursos em um movimento artístico-juvenil

A escolha do objeto de estudo desde a graduação fez com que eu pudesse ver o hip hop com um olhar mais crítico e de como se dá a participação feminina nos elementos em que o hip hop tem como pilares. Tive diversos conflitos comigo mesma para que pudesse entender qual o verdadeiro papel da mulher em um movimento artístico-juvenil como o hip hop e quais são seus desafios para ter uma permanência nesse movimento.

A escolha do tema de pesquisa me propiciou não só entender como é o papel da mulher dentro desse movimento, mas também de entender como ela está inserida dentro da sociedade e como é um processo de lutas e reivindicações que vem sendo cada vez mais conquistados dentro dos movimentos sociais.

Sabendo que o hip hop é um movimento artístico-juvenil de contestação, ele tornar-se uma forma dessas mulheres ingressarem em um espaço em que prevalece um público predominantemente masculino e que nem sempre é fácil ingressar dentro desses espaços.

Através da etnografia fui percebendo que o que mais me inquietava era a forma como essas mulheres desempenham os papéis dentro do movimento hip hop local. Sempre as questionando se consideravam como sendo do movimento hip hop, no entanto isso nem sempre era uma preocupação para elas. Tinha em mente que elas deveriam seguir a risca tudo que o movimento nos grandes centros desde seu surgimento segue. Mas a pesquisa mostrou que existe uma grande diversidade de objetivos e o que essas mulheres reivindicam dentro do hip hop. Foi o momento de repensar os discursos propagados pelos meus interlocutores e de repensar os elementos do hip hop mais isoladamente, pois muitos desses interlocutores estão preocupados apenas com um dos elementos.

Para Foucault “O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”. (Foucault, 2014. p. 10). Trazendo essa discussão para o hip hop, os discursos que aparecem dentro do movimento são inúmeros, as mulheres que estão inseridas dentro do movimento nem sempre estão reivindicando seus direitos enquanto mulheres. O que se pode perceber é que algumas dessas mulheres estão apenas reproduzindo os elementos do hip hop enquanto arte, forma de lazer e sociabilidades, sem ter uma preocupação política.

Ao longo da pesquisa quando perguntava aos interlocutores (as) se eles se consideravam do movimento hip hop, muitos respondiam que sim. Porém essa afirmação era mais por uma questão de identificarem o elemento que mais tinham afinidade com o hip hop e por saberem que faziam parte de uma ideologia. No caso da dança isso se torna ainda mais presente, pois o hip hop tem sido caracterizado pela grande mídia como apenas um estilo de dança. Isso é bem perceptível dentro de algumas escolas de danças da cidade.

O que tem que ser destacado é que nem sempre os quatro elementos vão pelo mesmo objetivo e não estão conseqüentemente unidos. Isso é muito notório dentro de Campina Grande. O que fez com que os elementos se unissem foi à institucionalização do NH2C. Mas de acordo com DJ Joh com o passar dos anos esses elementos não estão tão unidos quando houve o processo de união deles. Segundo o Dj, existiam eventos que reuniam os quatro elementos que promoviam oficinas, principalmente nos bairros periféricos da cidade. Segundo o Dj. o hip hop não é mais o mesmo, ele fala isso tanto a nível local como a nível nacional.

Alguns hip hoppers têm esse discurso de que a essência não é mais a mesma, mas isso não deve ser analisado de uma forma generalizada. Outros hip hoppers afirmam que o movimento não tem que ficar preso na época em que surgiu e que os tempos mudaram, existe novas demandas dentro do hip hop.

Com o andamento da pesquisa fui vendo que existem mulheres que não se identificam, necessariamente, com o hip hop. Mas que de alguma forma estão envolvida indiretamente com a cultura hip hop, não só como protagonistas dentro do hip hop, mas também mulheres que estão envolvidas em outros grupos que tem uma intersecção com o hip hop, pois por ser uma cidade de médio porte, é comum esses grupos terem relações entre si. Vi que algumas dessas mulheres estão no hip hop,

mas não tem um engajamento político, sendo apenas uma forma de praticar uma atividade artístico-cultural.



Foto 12: Grupo Trial GD se apresentando no 3º Ocupa Açude. Fotografia: Mércia Lima

Durante o 3º Ocupa Açude vários grupos de dança se apresentaram, entre os grupos que se apresentaram alguns tinham uma afinidade com a dança urbana. Um fato observado durante o evento é que os grupos eram compostos só de mulheres ou apenas de homens. Em outro evento que ocorreu no Parque da Criança, também pude perceber uma presença feminina dentro de outros estilos de danças. Mas é curioso, pois existem características muito próximas dessas meninas que estão nesse tipo de dança com o estilo dos hip hoppers. No caso das meninas, pode ser percebido o estilo de se vestirem, o cabelo. Existe uma manutenção da imagem que valoriza o urbano e o estilo *black power*. Isso tornar-se perceptível através dos signos que representam o hip hop, como a forma de se vestirem, o estilo do cabelo e as músicas que escutam.

Outra descoberta foi de entender que existem meninas que estão envolvidas na pichação, mas que se apropriam de alguns elementos do hip hop, é interessante

observar que apesar de alguns grafiteiros falarem que o grafite é uma evolução da pichação, em alguns discursos isso se contrapõe, sendo visto como diferente do grafite.

Durante a pesquisa fazer essa distinção foi algo complicado, pois os discursos em torno do grafite e da pichação são inúmeros. Para tal entendimento, trago uma análise sobre a pichação e o grafite em Campina Grande. Para isso será feito uma análise do que se denomina como grafite e pichação, de acordo com alguns discursos e de como a mulher se insere dentro dessas distinções.

Em conversa com uma pichadora ao me referir como sendo uma pesquisadora do hip hop, ela logo interrompeu dizendo que não era do hip hop. *Eu sou pichadora, tu sabe que é diferente, né? Não sou do hip hop!*

A partir dessas descobertas, optei em mostrar a trajetória dessas mulheres dentro da cidade, tendo em vista que a cidade proporciona uma aproximação dos grupos sociais. Isso faz com que muitos compartilhem elementos de uso comum.

3.2. Representação da mulher no grafite e da pichação

Assim como grafite, a pichação é algo que se torna mais visível para a sociedade, por está na maioria das vezes em lugares em que passa mais gente em ônibus, a pé ou em seus veículos particulares. Ganhando assim diferentes interpretações tanto negativos como positivos.

Com o intuito de conseguir cada vez mais mulheres como informantes para a pesquisa, sempre que fazia entrevista com um interlocutor, perguntava se ele conhecia alguma menina que era do hip hop, na maioria das vezes ele falava de outra pessoa que poderia contribuir para minha pesquisa.

Os olhares para a pichação me despertou curiosidade, por ser algo que tem características muito próximas com o estilo hip hop. Alguns grafiteiros também são pichadores na cidade, no entanto alguns dizem que não praticam mais a pichação e depois que se tornaram grafiteiros.

Através da análise bibliográfica para a pesquisa, identifiquei que existiam grupos de meninas pichadoras dentro da cidade, mas que sua existência vive no anonimato.

Em uma das entrevistas, um grafiteiro me indicou algumas meninas que poderia contribuir para a pesquisa, mas alertou que na condição de pichadoras, elas não gostavam muito de aparecer. Porém no caso de uma pesquisa para a universidade,

elas sempre podiam contribuir. Antes de entrar em contato com essas meninas, pedi que o grafiteiro falasse a elas sobre minha pesquisa. Alguns dias depois, ele me passou o contato das duas meninas, uma foi o Facebook e a outra foi o número do celular. A primeira adicionei na minha lista de amigo do Facebook e a outra tentei ligar três vezes, porém não consegui falar com ela.

De acordo com o pensamento de Foucault em *A ordem do discurso*, existe todo um controle sobre o discurso do que se pode e não se deve ser exposto em público. Nesse sentido, não só o discurso de forma falada, mas também diferentes formas como ele é utilizado. O grafite é uma representação muito forte do discurso propagado pelo hip hop. Por ser um dos elementos que mais ganha notoriedade no espaço urbano.

Suponho, mas sem ter muita certeza, que não há sociedade onde não exista, narrativas maiores que se contam, se repetem e se fazem variar; formulas, textos, conjuntos ritualizados de discursos que narram, conforme circunstâncias bem determinadas; cosas ditas uma vez e que se conservam, porque nelas se imagina haver algo como um segredo ou uma riqueza.

(FOUCAULT, 2014, p. 21)

Trago a análise sobre o discurso de Foucault para que possamos entender como é construída toda uma narrativa sobre o grafite e a pichação. E de como não existe uma verdade sobre as representações do grafite e da pichação e o que é considerado pichação e o que é considerado grafite.

Sabendo que o grafite e a pichação são vertentes de uma cultural juvenil e de rua, existem diferentes opiniões em se tratando da diferença entre ambas. Isso pode ser percebido não só entre os teóricos que se propõem estudar esses dois fenômenos urbanos. Mas o discurso do senso comum e até mesmo por alguns meios de comunicação é de que o grafite é arte, enquanto a pichação é um ato de vandalismo que confronta a ordem pública.

Para o grafiteiro Jed o termo pichação só é utilizado no Brasil, sendo assim o grafite uma evolução da pichação. No dia da entrevista com Jed vimos alguns grafites dele que ficam no centro da cidade. No caminho fomos vendo algumas pichações as quais ele foi me mostrando a diferença entre as pichações e os grafites e como eles se organizam nos espaços públicos, existe uma comunicação entre eles em para quem em se tratando dos espaços utilizados para a prática do grafite e da pichação.

De acordo com Duarte (2010), As interpretações desse tipo de tema são caracteristicamente múltiplas, onde as certezas e as verdades indiscutíveis apresentam fissuras. Nesse sentido, o que se pretende não é fazer uma distinção entre o grafite e a pichação, mas a forma como eles são utilizados por parte das mulheres e dos homens. Cabe aqui fazer uma análise de como os atores sociais se apropriam dessa arte.

Para Duarte,

A pichação é rápida, espontânea, subversiva e utiliza pouca cor. Por sua condição de subversão no espaço público, a cultura hegemônica atribui a essa prática, um tom depreciativo. O grafite é planejado, mais elaborado, utiliza muitas cores e tem uma preocupação estética. Por isso, às vezes, é aceito pela sociedade, que permite o encaixe dele no rol das expressões artísticas.

(DUARTE, 2010, p. 62)

Como já mencionado anteriormente, o hip hop surge em um contexto americano, Isso faz com que muitos dos vocábulos utilizados sejam provenientes do inglês e isso é utilizado por alguns hip hoppers. Eles não abandonam as expressões estrangeiras, mas também se identifica uma forte presença de vocábulos regionais, sendo assim um processo de hibridização. Os elementos regionais aparecem em grande evidência nos grafites e pichações observados nos muros da cidade.

Para Duarte (2010) a pichação e o grafite revelam muito das relações contraditórias efetivadas na sociedade contemporânea. O papel da mulher também deve ganhar outra interpretação dentro dessas relações.

O evento discursivo é considerado uma prática político-ideológica, sendo considerado um texto que merece interpretações devidas.

No decorrer da pesquisa foram surgindo alguns questionamentos sobre a representação da mulher no grafite e de quem são os reprodutores dessa arte. Não só o grafite como também a pichação me fizeram repensar qual o papel da mulher dentro de uma cultura juvenil como o hip hop. Desde o surgimento do hip hop, de sua institucionalização enquanto um movimento político de reivindicação o grafite passou a compor os elementos que são fundamentais dentro da ideologia do hip hop. Essas pinturas já existiam, com a junção com os elementos, passou a ser uma ferramenta de reivindicação política. As pinturas feitas desde o Império Romano recebia o nome de grafite, com o passar do tempo elas vem cada vez mais sendo objeto de investigação não só nas ciências sociais, como também entre outras ciências.

Dentro da cidade de Campina Grande, o grafite é bastante notório nos muros, não só do centro da cidade, mas também na periferia. Assim como já ressaltado, a mulher de uma forma geral é uma minoria dentro do hip hop e isso, claro, é refletido dentro do grafite. Mas tendo essa minoria como reprodutoras, pude observar através de alguns grafites é que a imagem da mulher aparece em alguns desses grafites espalhados pelas ruas da cidade.



Fotografia 13: Grafite sendo executado. Fotografia: Mércia Lima

Através da etnografia e das observações feitas nas caminhadas de Campina Grande, notei uma grande presença feminina sendo retratada nos grafites. Mesmo não sendo reproduzidos por mulheres, a mulher tem uma representatividade dentro do grafite. Em entrevista com o grafiteiro, ele afirma que a mulher sempre aparece em seus trabalhos. É uma representação da força da mulher.

Para o público que vê essa arte, o grafite é um dos elementos que mais tem uma visibilidade na cidade. Em uma das entrevistas feitas com um grafiteiro ele diz que quando começou a fazer grafite geralmente o alvo eram os prédios do centro para ter uma maior visibilidade tanto do pessoal que passava de ônibus como também dos pichadores, dos outros grupos. O que se nota a partir do relato dele e da inserção no

campo de pesquisa é que o grafite torna-se mais visível para as pessoas que passam na rua, não só os grafites como também a pichação.

Fazendo a pesquisa bibliográfica descobri a existência de alguns grupos de pichadores dentro da cidade de futebol da cidade. Muitos desses grupos mantêm uma relação com torcidas organizadas de times. Entre esses grupos, identifiquei dois grupos de meninas que se denominam pichadoras. Ao fazer entrevistas com participantes do hip hop, perguntava sobre a existência desses grupos e muitas vezes era surpreendida com a resposta de que eles não existem mais e que as meninas que tinham um envolvimento com a pichação não se interessavam mais por essa prática.

Peguei o contato de duas dessas meninas, sendo alertada por um dos meus interlocutores que iria avisá-las que eu entraria em contato com elas. Entrar na vida do outro é um exercício que merece um grande esforço.

Mas um dos pontos mais importante nesse dia foi encontrar uma das meninas que ele me havia passado o contato e que segundo Erva Doce, é uma pichadora na cidade. A encontrei na saída do banheiro. Olhei-a, mas vi que ela não me deu muita bola. Comentei com um amigo sobre ela e fui até lá. Perguntei se ela lembrava que eu havia falado om ela, enfim.

No início percebi que ela fez que não lembrava, mas depois de explicar como era minha pesquisa, acredito que ela se abriu mais para o diálogo. Ela falou que geralmente não fala com as pessoas que falam sobre grafite no Facebook. Mas que conversaria sim comigo e contaria como é seus corres. E me pediu para adicioná-la no Facebook.

(Diário de Campo 24/11/2015)

Pensando a mulher dentro dessas duas manifestações artísticas, percebe-se que a pichação por ganhar características ainda mais negativas em relação ao grafite, ser pichadora é desafiador. Na maioria das vezes as pichações são praticadas no período da madrugada, quando não tem ninguém nas ruas nos chamados *rolês*. Comparando-se com o grafite que ganhou uma aceitação maior na sociedade, eles são feitos à luz do dia, sendo assim contemplado por um público. Podemos concluir que ser pichadora se tornar ainda mais complicado em relação ao grafite.

No 3ª Ocupa Açude que ocorreu na cidade houve apresentações de danças urbanas e também alguns grafiteiros. Os eventos de ocupação que aconteceram na cidade foram de grande importância durante a pesquisa. Neles pude perceber a presença de participante do hip hopper, pois o espaço dá uma oportunidade para diferentes classes sociais da cidade. Assim como os dois últimos Ocupa Açude. No 3º

Ocupa Açude fiquei um tempo observando o pessoal que se apresentava na dança. O que diferenciou esse último foram os grafites que estavam sendo executados simultaneamente na hora das danças.



Figura 4: Arte da divulgação do 3º Ocupa Açude. O evento aconteceu no Açude Novo
Imagem extraída da internet.

Próximo ao lugar da apresentação vi que os grafiteiros começaram a fazer seus trabalhos, mas confesso que não estava entendendo muito sobre o que era. Um deles, Erva Doce, fez um desenho de uma vagina e um pênis e uma cruz. Estava escrito: **Respeite minha buceta**. Ao terminar o grafite, ele virou o trabalho de cabeça para baixo e assinou a tag¹⁷ com o trabalho invertido. Fui até ele e o questionei o porquê de inverter o trabalho. Segundo Erva Doce, era uma forma de as pessoas olharem com mais atenção para seu trabalho.

¹⁷ Nome artístico do grafiteiro (a)



Foto 14: Grafite de Erva Doce feito durante o 3º Ocupa Açude no dia 19 de março de 2016. Fotografia: Mércia Lima

Outro trabalho feito durante o Ocupa Açude foi do grafiteiro Jed. O grafite representa uma entidade da qual ele disse que é filho, de acordo com a tradição das religiões afro-brasileiras.

A figura da mulher retratada nos grafites de Jed representa a figura de uma mulher forte, guerreira. É muito comum a figura da mulher aparecer dentro do movimento hip hop, de uma forma geral, como a mulher forte. Em algumas ruas da cidade também pude encontrar alguns grafites representando mulheres.

Isso é muito representativo em algumas letras, principalmente os primeiros que ganharam uma propagação em alguns meios de comunicação, em que eles ressaltam essa figura materna. Nesse sentido existe uma diferenciação da mulher enquanto mãe que é tida como guerreira e oposição à mulher que aparece como sendo símbolo sexual.

Durante uma entrevista o grafiteiro Erva Doce falou sobre a importância da mãe quando.

Em nenhum momento ela me abandonou ou me julgou por isso. Ela só me dava uns castigos bobos por isso. Tipo, não me dava grana, não me deixava sair, coisa do tipo. Mas assim, em nenhum

momento ela disse que eu era um bandido, que era um pilantra ou isso e aquilo.

O relato acima é de quando Erva Doce iniciou na pichação. Ele segue dizendo:

Quando eu comecei a fazer grafite, ela me incentivava mesmo, de verdade. Ela comprava tinta pra mim, ela comprava protetor solar, ela chegava no muro com a quentinha, ela ia atrás de grana emprestado pra comprar uma passagem pra eu ir pra João pessoa porque ia ter um evento lá. Ela se virava nos 30 pra que eu pudesse exercer essa arte, sabe?! Aí eu comece a perceber, pô, minha mãe é muito doida. Depois de tudo que eu fiz ela sofrer, porque de certa forma é um sofrimento. Você tá em casa no quentinho de sua cama e o seu filho mais novo chega com a polícia em casa. Então, depois desse sofrimento todinho que ela teve, ela ainda se dispôs a me ajudar, mesmo e me incentivar. (Erva Doce)



Fotografia 15: Grafite na Rua Irineu Joffily, centro de Campina Grande. Fotografia: Mércia Lima



Fotografia 15: Grafiteiro Jed fazendo grafite durante o 3º Ocupa Açude. Fotografia: Mércia Lima

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não diria que seria conclusões a ser feitas ao término da pesquisa, mas algumas considerações, pois o tema escolhido é digno de diferentes conclusões, pois vive em constantes mudanças. Mas partindo da análise de gênero, pode-se chegar a algumas conclusões acerca da participação da mulher no hip hop de Campina Grande.

A escolha do tema de pesquisa foi para mim um ritual de passagem, pois me proporcionou ter um olhar crítico acerca do que se constitui como sendo uma cultura juvenil. Por isso faço uma analogia com os estudos sobre rituais segundo Van Gennep. Como ressalta o autor ao estudar os rituais de passagem em que o sujeito passa por três estágios: separação, liminaridade e reagregação. Estudar mulheres dentro de uma cultura juvenil como o hip hop, me fez repensar como a mulher está inserida dentro de uma sociedade que é herdeira de um patriarcalismo e de como suas identidades vivem em constantes transformações.

A escolha metodológica me proporcionou vivenciar momentos que foram essenciais não só para o trabalho acadêmico, mas vivenciar experiências que serviram para meu crescimento pessoal. A etnografia foi grande aliada no processo de construção, aproximação e interpretação do objeto de estudo. Morar no centro da cidade também me ajudou a vivenciar a cena urbana da cidade, tendo assim uma maior aproximação com os eventos culturais da cidade. Por ser uma cidade de porte médio, o centro é onde se concentra grande parte dos eventos artístico-culturais, mas vale destacar que o lazer também é encontrado dentro da periferia. Isso pode ser comprovado durante a pesquisa, através dos shows de rap nos bairros, mutirões de grafites, entre outras atividades que podem ser denominadas como lazer. Desde a graduação o hip hop foi um tema que me chamou bastante atenção por ser um movimento juvenil que tem como principal ideologia a reivindicação social e racial de um grupo que vai de encontro com valores imputados por uma classe que se sobressai na sociedade. No entanto o que é mais me intrigava em idas a eventos de hip hop era a pouca presença de mulheres exercendo atividades de igual para igual com os homens que se encontravam nos eventos. Sendo assim um reflexo de uma sociedade em que tem o patriarcado como protagonista.

Como já mencionado anteriormente, após passar no mestrado, pensei na mudança do tema de pesquisa, porém a cena do hip hop em Campina Grande me chamou muita atenção. Campina Grande é, sem dúvida, uma cidade que desperta

vários olhares curiosos de diferentes pesquisadores. A cidade é palco de diferentes atividades artísticas, existindo assim uma diversidade de gostos musicais. Porém mesmo com essa diversidade de gostos musicais o que se percebe é que o forró é o principal atrativo da cidade e isso faz com que o hip hop não tenha um espaço tão relevante dentro da cidade.

Sabendo das limitações do campo, não foi fácil durante a pesquisa estabelecer contatos com interlocutores e interlocutoras. Era uma recém-chegada na cidade, isso era muitas vezes um obstáculo para mim, pois dependia de alguém que conhecesse melhor a cidade para que eu pudesse entrar em contato com os interlocutores.

O principal objetivo da pesquisa foi compreender como a identidade feminina é construída e como essa identidade se destaca no hip hop. Apesar de todas as limitações e conflitos com a escolha do objeto, com o passar da pesquisa foi delineando qual seria meu principal objetivo e fui percebendo que existem mulheres no movimento hip hop de Campina Grande, no entanto, muitas dessas mulheres não têm uma visibilidade considerável. Nem todas exercem um papel de protagonismo, porém elas são essenciais para a composição da cena hip hop local. Elas estão presentes como esposas, mães, no público.

Por ser uma cidade que tem uma visibilidade no cenário nacional, ela é considerada um das cidades mais modernas do nordeste, o que faz com que atraia pessoas de diferentes regiões do país, tendo assim um público diverso em se tratando de estilos musicais.

Durante a pesquisa tive contato não só com mulheres que exercem um papel dentro do hip hop, mas pude também ter contato com homens que estão no hip hop seja como um movimento político ou apenas como um envolvimento artístico-cultural na cidade.

Através da etnografia e das entrevistas que realizei, o que se percebe é que entre os quatro elementos que são base do hip hop, a mulher exerce um papel de protagonismo apenas em dois desses elementos que seria na dança, não só no break, mas em outras modalidades como o popping, o locking que são variações da dança urbana. E o outro elemento seria o grafite. Mas um dos meus questionamento durante a pesquisa foi a presença de mulheres na pichação. Isso não quer dizer que a mulher não esteja presente nos outros elementos, porém é necessário ressaltar que não existe um protagonismo dessa mulher.

É bastante significativo como esses espaços são controlados pelos homens, ao ser interrogá-los por que não tinha mulheres dentro do hip hop de Campina Grande, a resposta era sempre relacionado que não tinha porque as mulheres não se interessavam ou porque não tinha mesmo. Mas o que se percebe é que muitas dessas mulheres não estão presentes por não ganharem uma abertura para sua participação.

O grafite também mereceu um destaque na análise da pesquisa, pois foi um dos elementos da pesquisa que mais me inquietou, até mesmo por ser o mais visível quando saía nas ruas de Campina Grande. Fazer uma distinção do que é grafite e o que é a pichação torna-se complicado, pois como já mencionado no capítulo 3, essa distinção entre ambas é algo que não é definido não só pelos pesquisadores que se propõe ao estudo desse fenômeno, mas é também algo que não é definido entre os membros da comunidade. Outro ponto que marca uma distinção entre a pichação é que existe uma competição de quem deixa marcas nos lugares mais altos e que tem mais visibilidade dentro da cidade. Por outro lado o grafite tem características artísticas que ganham uma aceitação social maior.

A representação da mulher no grafite deve ser considerada bastante relevante, mesmo não tendo um número suficiente de mulheres que produzam o grafite e a pichação dentro da cidade de Campina Grande, ela aparece constantemente como sendo personagem, sejam elas como símbolos religiosos ou reivindicação de gênero.

O que chega a ser revelador dentro do hip hop, e isso pode ser não só no *locus* de pesquisa, mas de uma maneira geral, que é um movimento que faz denúncias da marginalidade que a população de uma periferia sofre, mas exerce um machismo. Como vimos ela está também muito presente dentro do hip hop. Nos eventos culturais que pude estar presente durante a pesquisa, a mulher tem pouca representatividade. A figura da mulher merece destaque da forma como ela é retratada nos grafites. Dependendo de que faz o grafite ela pode ganhar diferentes significados.

Outro ponto que merece destaque e que se identificou durante o processo de pesquisa é que não existe uma preocupação de forma integral por parte da mulher de estar no hip hop como uma forma de instrumento de reivindicação social e racial.

Um tema tão amplo como o hip hop pode ser observado por diferentes perspectivas, mas partindo dos estudos de gênero pude identificar como a mulher exerce seu papel dentro do hip hop de Campina Grande.

O que se pode perceber é que existe uma preocupação de se retratar a mulher como sempre sendo uma guerreira, a força feminina, porém não se pode negar que é

paradoxal essa representação da mulher, mas não existe uma presença em sua grande maioria como sendo agentes desses trabalhos.

O que se notou não só na pesquisa do mestrado, mas com a obtenção dos dados de campo também da graduação, e que o hip hop é meio de comunicação onde as mulheres conseguem falar de si para outras mulheres, fazendo com que elas se encorajem.

O centro da cidade se constitui como um lugar de encontro dos adeptos do movimento hip hop, no entanto não se deve descartar a periferia como sendo o lugar onde são produzidos os elementos do hip hop e posteriormente sendo levado a outras localidades. Outro ponto observado no movimento hip hop de Campina Grande é de que o grafite é o elemento que tem uma maior visibilidade, isso se deve ao fato de que ele é fixo na cena urbana, mesmo tendo cada grafite uma característica efêmera.

REFERÊNCIAS

AGIER, Michel. **Encontros etnográficos**: interação, contexto, comparação. (Trad.) Bruno César Cavalcanti; Maria Stela Torres B. Lameiras & Yann Hamonnig. 1, ed. São Paulo: Unesp; Alagoas: Edufal, 2015.

AMORIM, Lara Santos de. **Cenas de uma revolta urbana**: O movimento hip hop na periferia de Brasília. Brasília, 1997. Dissertação (Mestrado em antropologia social) do programa de pós-graduação de antropologia social. Universidade de Brasília, 1997.

ARRUDA, Thayrony Araújo. **A construção identitária a partir da ação política dos sujeitos**: o caso do movimento hip-hop na cidade de Campina Grande. Campina Grande, 2012. 136f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal de Campina Grande, 2012.

BITTENCOURT, João Batista de Menezes. **Nas encruzilhadas da rebeldia**: uma etnocartografia dos straightedges em São Paulo. Campinas, 2011. 320f. Tese. (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Estadual de Campinas, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. (Trad.) Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

DUARTE, Angelina Maria Luna Tavares. **Rompendo os muros do grafite e da pichação**: uma análise etnográfica-discursiva da sociedade secreta dos grafiteiros/as e pichadores/ras na cidade de Campina Grande-PB. João Pessoa, 2010. 237f. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal da Paraíba, 2010.

_____. **Se essa rua fosse minha, eu mandava grafitar**: a construção discursiva do grafite de muro em Campina Grande, 2006. Campina Grande. 200f. (Mestrado interdisciplinar em ciências da sociedade) Universidade Estadual da Paraíba, 2006.

FRASER, Nancy. **Reconhecimento sem ética?** In: Lua Nova, São Paulo, 70. 101- 138.

FELIX, João Batista de Jesus. **Hip Hop**: cultura e política no contexto paulistano. São Paulo, 2006. 206f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo, 2006.

FOUCOULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. (Trad.) Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

GROPPO, Luís Antônio. **Juventude**: Ensaio sobre Sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

LIMA, Mércia Ferreira de. **A participação feminina no hip hop**: jovens mulheres em culturas juvenis. Rio Tinto – PB, 2014. 67f. Monografia. (Bacharel em Antropologia com habilitação em Antropologia Visual). Universidade Federal da Paraíba, 2014.

LIMA, Mariana Semião de. **Rap de batom: família, educação e gênero no universo rap.** Campinas, 2005. 124f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, 2005

MAGNANI, José Guilherme. **Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em antropologia urbana.** São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.

MALINOWISKI, Bronislaw. **Objeto, método e alcance desta pesquisa.** In: Os Argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo: Editora Abril, 1978. Pp. 16-34.

MEAD, Margaret. **Sexo e Temperamento.** Trad. Rosa Krausz. São Paulo: Perspectiva, 2011.

MUNANGA, Kabengele. **Ação Afirmativa em benefício da população negra.** In: Universidade e Sociedade. Revista do Sindicato ANDES Nacional, nº 29, março de 2003. pp.46-52.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis.** Imprensa Nacional casa e moeda: Lisboa: Portugal, 2003.

PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia.** Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. **Pichando a cidade: apropriações impróprias do espaço urbano.** In: Jovens na metrópole: Etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidades. Org(s): MAGNANI, José G; SOUZA, Mantese Bruna de. 1 ed. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

PEREIRA, Mariana Cavalcanti. **O bom é a arriação: circuito de lazer e outras interações entre jovens de Campina Grande.** Campina Grande, 2016. 87f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, 2016.

POSTALI, Thífani. **Blues e hip hop: uma perspectiva folkcomunicacional.** Jundiaí: Paco Editorial, 2011.

SAFFIOTI, Heleith Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

STRATHERN, Marilyn. **Fora de contexto: as ficções persuasivas da antropologia.** (Trad.) Tatiana Lotierzo e Luiz Felipe Kojima Hiram. São Paulo: Terceiro Nome, 2013.

_____. **O efeito etnográfico e outros ensaios.** São Paulo: Cosac Naify, 2014.

SCOTT, Joan W. **O enigma da igualdade.** In: Estudos Feministas. Florianópolis, 13 (1): 2016, janeiro/abril/2005. P. 11-30

WELLER, Wivian. **A invisibilidade feminina nas (sub)culturas**. In: COSTA, Márcia Regina, SILVA, Elizabeth Murilho (Org.). Sociabilidade juvenil e cultura urbana. São Paulo: PUCSP 2006. pp. 111-149.

VAN GENNEP, Arnaud. **Os ritos de passagem**. Petrópolis. Editora Vozes, 2011.

VELHO, Gilberto. **O antropólogo pesquisando em sua cidade**: sobre o conhecimento e heresia. In: O antropólogo na cidade. Org. Hermano Viana; Karina Kurchnir, Celso Castro. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

DISCOGRAFIA:

AFRONORDESTINAS. **Mulher**. Intérprete: Kalyne Lima e Luana Lima. In: Afro-Nordestinas. João Pessoa: Peixe Boi, 2011. 1 CD. Faixa 8.

AÇÃO HIP HOP CAMPINA: **Campina Grande**. Intérprete: Rimael. In: Ação hip hop Campina. Campina Grande: Pindorama Record's, 2011. CD. Faixa 1.

SITES:

<http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=250890&search=paraiba|mamanguape|infograficos:-historico>. Acesso em: 09 de Fevereiro de 2015.

<https://www.youtube.com/watch?v=faoKK2hg6HU>. Acesso em: 29 de Julho de 2015.

<http://morandosemgrana.com.br/paraiba-parque-da-crianca-o-maior-de-campina-grande/>. Acesso em: 20 de junho de 2015.

<https://www.youtube.com/watch?v=jWa8F4wo-FY>. Acesso em: 10 de janeiro de 2016.

<https://www.youtube.com/watch?v=263z3ctNZQg> . Acesso em: 02 de Abril de 2016.

ANEXO

Ficha de apoio à pesquisa

Universidade Federal de Campina Grande
Centro de Humanidades
Unidade Acadêmica de Sociologia e Antropologia
Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais
Orientador: Prof. Dr^a Vanderlan Francisco da Silva
Orientanda: Mércia Ferreira de Lima

1. Nome: _____
2. Idade: _____
3. Sexo: _____
4. Naturalidade: _____
5. Bairro em que reside: _____
6. Ocupação: _____
7. O que você entende por movimento hip hop?
8. Quais são os elementos do hip hop presentes na cidade de Campina Grande?
9. O que levou você a participar do movimento hip hop em Campina Grande?
10. Sofre algum preconceito em casa ou de amigos por ser membro do movimento hip hop?
11. A sua participação no movimento hip hop se dá de forma ativa?
12. Qual a situação atual do movimento hip hop em Campina Grande?

Perguntas para o grupo de danças urbanas

13. Quando o grupo foi formado?
14. Quantos membros participaram da primeira formação?
15. Além da dança, algum membro do grupo se identifica com algum outro elemento do hip hop?